

Ano I, nº 1

REVISTA



OPINIÃO



Artigos de alunos da 1ª série
do Ensino Médio da Escola Vera Cruz



VERACRUZ

Revista Opinião

Responsável:

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello

Professora Orientadora da 2ª série:

Rosana Amici Della Rocca

Psicóloga Escolar:

Simone Fernandes

Coordenadora do Ensino Médio:

Ana Maria Bergamin

Projeto gráfico:

Casa Vera Cruz



São Paulo/2018

REVISTA

OPINIÃO

Artigos de alunos da 1ª série
do Ensino Médio da Escola Vera Cruz

Ano I, nº 1



SUMÁRIO

Prefácio: Opinião “muda”?	6	Reforma trabalhista	39
Impacto das redes sociais para a saúde mental	7	A paralisação por uma causa maior	40
A Internet está deixando as pessoas menos inteligentes?	8	Deve-se protestar contra a perda dos direitos dos professores?	41
O hedonismo das novas gerações	9	Deve haver ensino religioso nas escolas?	42
Repense o elogio	10	Qualidade da educação pública brasileira hoje	43
A falta de investimento do Brasil na ciência	11	O fracasso do sistema penitenciário brasileiro	44
Quem tem medo da cidade?	12	A atual situação do complexo policial brasileiro	45
Sem lar, sinônimo de ocupar	13	Por que essa intervenção militar no RJ está indo contra os princípios da democracia?	46
Pichação: crime ou arte?	14	Sem inclusão social não há solução	47
Periferia é Periferia	15	Maioridade Penal	48
Na arte, os fins justificam os meios?	16	Crianças no tráfico	49
O novo vídeo do mundo	18	A violência nos estádios de futebol do Brasil	50
Arte: do ambiente escolar ao mercado de trabalho	19	Consciência sem drogas	51
Desvalorização das populações indígenas na sociedade brasileira	20	A visão da população sobre o movimento hippie	52
Indústria da carne: a economia da brutalidade	22	Brasil: uma colônia americana	53
O costume histórico de consumo de carne pode ser modificado? Como?	24	Cinema brasileiro, uma arte desvalorizada	54
Amor e necessidade do ponto de vista animal	25	A Música Brasileira atualmente	55
Acolhimento de refugiados	26	O querer incessante se torna servidão	56
Refugiados: um problema ou uma oportunidade de exercer empatia?	27	Afinal, há democracia na Venezuela?	57
Cuidado com o que você fala	28	Em defesa do casamento homossexual	58
A manifestação que restringe a liberdade	29	Por que, mesmo nos dias atuais, a comunidade LGBTQI+ não é aceita pela maioria da população?	59
Qual o limite entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio?	30	Mês da consciência negra diminui ou fortalece a separação racial?	60
A objetificação da mulher na publicidade	31	Jogos de computador - entretenimento ou vício?	61
Atendimento a mulheres que sofreram abuso sexual	32	Jogos de computador nas olimpíadas	62
Lugar de mulher é onde ela quiser	33	Um novo jeito de praticar esporte	63
Código de vestimenta em escolas prejudica o futuro dos alunos?	34	Videogame não é tão ruim quanto parece	64
Indústria da moda: quando é recreativa e inspiracional e quando passa a ser prejudicial	35	Quando um filme de terror não é apenas um suspense com jumpscare?	65
Mulheres na polícia	37	Terceira Guerra Mundial	66
Licença paternidade	38	Terceira Guerra Mundial	67
		Uma utópica realidade cheia de falhas	68

AUTORES

A

Amanda Louro Sanchez **68**
Ana Carolina Grimaldi Roso **29**
Ana Luísa Depiné **12**
André Monteiro **67**
Anita S. Nejme **28**
Antonio Losada Totaro **41**

B

Barbara Soares Ferreira **37**
Bianca Marcomini **19**
Bruna Carvalho Luiz **25**
Bruna Tito **34**
Bruno Manzoli **64**
Bruno Rosenblit **46**

C

Catharina Maia **18**

D

Danilo Denunci **15**
Davi Terra Flores **66**

E

Eduarda Martins **39**

F

Felipe R. A. Röttgering **61**
Fernanda Lazaretti **7**
Fernanda Tito **31**
Fernanda Veronezi de Jesus **65**
Fernando Pencak **60**
Frederico Levy **45**

G

Gabriela Citino **14**
Gabriel Held **8**
Gabriel Loures **53**
Gabriel Sanchez **63**
Gustavo Gurman **55**

H

Helena Pimentel **43**
Helena Sader **16**

J

João Magalhães **62**

L

Laís Thomaz Bastos **26**
Laura Cruz **13**
Laura Dyck **58**
Lívia Cristina Busato **11**
Luana Nicolini **47**
Luana Tito Nastas **54**
Luara Dezordi **32**
Lucas Magada **57**
Luiza Pereira **38**

M

Manuela Mazzucchelli **20**
Maria Fernanda Saraiva **33**
Marina Cecco **40**
Marina Grinberg **35**
Marina Gurman **42**

N

Nicholas Rigatto **52**
Noah Levin **24**

P

Pedro Leopoldi **9**
Pedro Rapoport **50**
Pietra Porto **22**

R

Rafael Kovach **48**
Renata Lazar Giannini **59**

S

Sofia D. Belinky **30**
Sofia Rodrigues de Mendonça **51**
Sophia Schuppli **44**

T

Thales Correa Tavares **56**
Tom Rabinovitch **10**

V

Valentina Yusta **27**
Viktor von Schmädel **49**

Prefácio

Opinião "MUDA"?

Prof. Luiz Venâncio Aiello

*Podem me bater, podem me prender,
podem até deixar-me sem comer
que eu não mudo de opinião*
Zé Ketí

As palavras dessa epígrafe são de um samba de Zé Ketí, legítimo representante dos morros cariocas, tendo sido cantadas por ele e Nara Leão, moça rica da Zona Sul, no histórico show “Opinião”, apresentado no Rio e em São Paulo em 1964 e 1965. Foi um momento histórico para a nossa cultura: enquanto os militares subiam ao poder iniciando o “cala a boca” que teria ensejo nos 21 anos seguintes, Nara, Zé Ketí e outros buscavam transpor a barreira de classe expressando sua OPINIÃO a plenos pulmões, enquanto a censura ainda o permitia.

Hoje, apesar dos pesares, o “cala a boca” já morreu. Opinar é possível, quase obrigatório. Por outro lado, no mundo das mídias eletrônicas, o confronto de teses, aliado à intolerância, destrói amizades, transforma famílias em zonas de guerra e faz do excesso de opinião um diálogo de surdos. Pessimistas como o finado escritor italiano Umberto Eco diriam que *o drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade* e que, hoje, qualquer coisa que publiquemos na *web* tem tanta divulgação quanto o que diz um Prêmio Nobel. O crescimento dos discursos de ódio, das campanhas difamatórias, dos sites de *fake news* e da utilização de perfis falsos para a manipulação da opinião pública seriam provas disso.

Ou seja: hoje, o ímpeto por opinar nos coloca em contato com nossa própria dificuldade de fazê-lo bem ou mesmo de mudar de opinião. E é aqui que voltamos a Zé Ketí e Nara, que tinham em não

mudar de opinião uma postura de resistência. Na atualidade, com o mundo de cabeça para baixo, *resistir* não seria exatamente o contrário disso? Ao invés de nos fecharmos, não seria efetivamente mais transformador abriremos nossos olhos e ouvidos para a opinião alheia, porventura podendo mudar a nossa própria? É um pouco do que tentaremos entender nesta revista.

São pequenos artigos sobre os mais diversos temas, que dão conta da produção escrita dos alunos da 1ª série do Vera realizada em uma sequência didática na aula de Redação, em junho de 2018. Todos os textos, tanto os avaliados com A quanto os que tiveram B, C e até D estão aqui. Não houve exclusão. O pré-requisito principal em termos de conteúdo era que os trabalhos trouxessem, mesmo que modestamente, alguma pesquisa, e que buscassem calcar a opinião do autor em teses e argumentos consistentes, segundo conhecimentos que temos construído na 1ª série nas aulas de Redação e de outras disciplinas. Ou seja: que, independentemente das visões políticas que lhes embasassem, os artigos fossem produzidos com rigor lógico, conteúdos pertinentes e honestidade intelectual. Se fomos bem-sucedidos ou não em nosso intento, ficará a critério do leitor julgar.

Enfim, eis aqui OPINIÕES diversas. Esperamos que o contato com a diferença nos ajude a construir diálogos ricos e honestos, fazendo-nos, se não mudar de opinião, ao menos encontrar mais ferramentas para defender aquelas que já professamos. Boa leitura! ✦

Impacto das redes sociais para a

SAÚDE MENTAL

Fernanda Lazaretti

Temos uma geração toda se desenvolvendo com a autoestima mais baixa do que as anteriores, e para refletir sobre isso, devemos considerar que estamos crescendo em um mundo em que as redes sociais têm um forte impacto em nossas vidas. Tornamo-nos muito bons em “colocar filtro” nas coisas, em mostrar aos outros que a nossa vida é incrível, mesmo estando deprimidos, em uma fase ruim, em dias difíceis... A partir do mundo virtual, passamos a apresentar um ar de “durão”, de quem já tem tudo esquematizado, de quem está resolvido na vida e não tem problemas pessoais; no entanto, a realidade muitas vezes vem se distanciando cada vez mais do que vemos e postamos na internet.

Ao abriremos o Instagram, por exemplo, costumamos nos deparar com pessoas felizes, em momentos bons, em ângulos e luzes favoráveis e dificilmente vemos as pessoas explicitando suas decepções e tristezas pessoais. Portanto, tomamos como plausível que ninguém passe por essas situações além de nós mesmos.

Tomando como verdade absoluta e “meta” tudo o que vemos na internet, principalmente nós, jovens, ainda vulneráveis e em processo de formação, acabamos nos cobrando a partir do que nos é imposto como “certo”, “normal” e “bonito”, querendo sempre alcançar realidades de outras pessoas que, muitas vezes, sequer existem ao “tirarmos os filtros” das mesmas. Dessa forma, caminhamos praticamente em um ciclo sem fim, em busca do inalcançável, e, no percurso, deixamos nossa própria saúde de lado.

Um exemplo muito claro de que muitas pessoas caminham em busca de uma meta diversas vezes inatingível é a da imagem corporal. As pessoas possuem diferentes fisionomias, genéticas, metabolismos, e mesmo assim buscam por um mesmo corpo. Isso está equivocado em diversos pontos. Muitas vezes, pode acabar sendo um percurso sem fim, pois, apesar de alguém se esforçar muito, são necessários

outros elementos além de esforços para que uma pessoa possa possuir certo tipo de corpo; para tanto, não está em jogo apenas a força de vontade, mas também as condições biológicas. No entanto, muitas vezes, isso não é levado em conta na busca pelo corpo perfeito, e essa busca pode causar danos físicos, muitos distúrbios mentais e alimentares.

Ainda mais, em busca pelo prazer de recebermos curtidas, comentários e afins, acabamos investindo nosso precioso tempo em nossas vidas virtuais, esquecendo, no entanto, de nos esforçar para vivermos intensamente a vida “real”. Essa situação caminha no sentido das relações superficiais que acabamos criando, sem utilizar muito esforço, por mensagens de textos. O problema disso é que cada vez mais deixamos de praticar a conversa cara a cara, e as dificuldades de um relacionamento acabam se tornando ainda mais aparentes, porém mais difíceis de serem superadas. Consequentemente, muitas pessoas acabam se sentindo sozinhas mesmo com “uma boa reputação” no mundo virtual, pois, no final das contas, a quantidade de amigos diz muito pouco comparada à qualidade dos mesmos.

Muitos jovens hoje em dia fazem diversas amizades pelas redes sociais, sem nem mesmo conhecer as pessoas ao vivo. Apesar de haver exceções, muitos admitem que mesmo que conheçam muita gente, poucas delas ou nenhuma realmente sabe de seus problemas pessoais e muito menos como ajudar a superá-los.

Em contrapartida, ao passo que vemos questões problemáticas causadas pelo excesso do uso de redes sociais, notamos também que os números de pessoas e canais que têm por objetivo apoiar aqueles que se sentem fora do padrão vêm crescendo e ajudando muitos a não se sentirem os únicos deslocados na sociedade. Como, por exemplo, diversos canais que contradizem os padrões impostos pelas mídias sociais, etc.

No entanto, muitas pessoas acabam “dependendo” desses canais e dessas ajudas para obterem conselhos, o que caminha na mesma direção das relações superficiais e a dificuldade que nós, jovens, temos de fazer amigos verdadeiros com quem posamos contar.

Portanto, apesar de as redes sociais possuírem pessoas bem intencionadas e que buscam ajudar os outros, continua sendo difícil lutarmos contra aquilo que nos é imposto todos os dias. E acabamos, de formas autodestrutivas, buscando objetivos inalcançáveis para as nossas realidades, e muitas vezes nos decepcionando frequentemente conosco, o que claramente não é positivo para nosso próprio desenvolvimento. ✦

A INTERNET está deixando as pessoas menos inteligentes?

Gabriel Held

Nos dias de hoje, há muita informação disponível e de fácil acesso na internet. Teoricamente, isso resultaria em uma população mais “antenada”, “ligada” e, por fim, mais inteligente. Porém, infelizmente, ocorre o oposto. Há muita coisa que as pessoas não aproveitam exatamente pela abundância destas coisas, dedicando, assim, cada vez menos tempo a cada tópico/página/notícia.

Uma pesquisa realizada pelo Global Information Center, da Universidade de San Diego, nos EUA, aponta que, em 2008, cada americano consumiu uma quantidade de informações equivalente a ler 34 mil livros de 200 páginas em um dia. Ou seja: é muita informação para se ler detalhadamente, como mostra Nicholas Carr, um pensador da era digital. “Quando conectados, estamos em um ambiente que promove a leitura apressada, a distração, pensamento corrido e aprendizado superficial.”

Por fim, vale dizer que a internet influencia na tomada de decisões, já que cada vez que aparece um spam, um link novo, uma informação nova ou uma mensagem, temos de decidir se clicamos

ou não. Assim, de acordo com o psiquiatra Gary Small, da Universidade da Califórnia, que fez, em 2008, o primeiro experimento que mostrou cérebros mudando em resposta a estímulos da internet, chegou-se à conclusão de que o acesso à internet sobrecarrega a área do cérebro responsável pela tomada de decisões.

Pode-se dizer que a internet seria uma ferramenta que está deixando as pessoas mais “inteligentes” devido à facilidade de acesso e à quantidade de informações, o que de certa forma pode ser verídico. Porém, cada vez que paramos de fazer o que estamos fazendo para ver uma mensagem ou temos alguma outra distração qualquer, passamos a ter mais dificuldade de memorizar e processar informações, o que não resulta em uma população “inteligente”.

Desta forma, conclui-se que a internet, pela sua vasta quantidade de informações, deveria deixar as pessoas mais “inteligentes”, porém não é o que acontece. Por conta da vasta extensão de dados, as pessoas dedicam menos tempo por página, o que provavelmente resultará em um futuro de pessoas rasas e sem senso crítico. ✦

O HEDONISMO das novas gerações

Pedro Leopoldi

Há esperança para as novas gerações? Muitas pessoas alegam que o avanço tecnológico, a internet e o modo segundo o qual os indivíduos são criados interferem bastante no desenvolvimento das novas gerações, especialmente a geração Y (1980-1990) e a geração Z (1990-2010).

O desenfreado desenvolvimento tecnológico deu origem, por exemplo, à rede mundial de computadores, uma das invenções que revolucionaram o modo com que vivemos. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que a internet facilitou nossa vida em muitos aspectos, passou a interferir no desenvolvimento das pessoas, fazendo com elas se tornassem impacientes, não lidassem com a frustração e fossem imediatistas, em virtude de que, enquanto tudo é instantâneo no mundo virtual, não é viável dizer o mesmo para o mundo real.

As pessoas de hoje em dia tendem a ser impacientes quando comparadas às que viveram antes da internet e a desistir facilmente de praticamente tudo. Isso se dá, como já dito anteriormente, pelo fato de tudo ser instantâneo hoje. É possível achar a resposta para praticamente tudo fazendo uma simples pesquisa no Google. Por isso, quando é necessário raciocinar bastante para resolver algum problema, muitos tendem a desistir e tentar algo mais simples. Isso acontece muito em provas escolares: quando algum exercício aparenta apresentar alguma dificuldade, inúmeras pessoas avançam para o próximo, sem ao menos tentar resolvê-lo.

A internet não é a única variável que interfere no desenvolvimento humano. Os pais possuem também um grande papel no modo de pensar e agir das gerações X e Y. Nos tempos atuais, as crianças são, em média, bem mais mimadas do que antigamente. Ganham sempre tudo o que desejam, são tratadas com inúmeros elogios e fazem o que lhes “der na telha”, sem nenhuma restrição dos pais. Como consequência, essas crianças, ao crescerem, pensam que podem fazer tudo e se tornam excessivamente confiantes. Assim, quando fracassam em algo, a frustra-

ção se torna infinitamente maior e mais frequente.

Outro problema que vem assolando tanto a geração Y quanto a Z é a interferência que as redes sociais causam nos vínculos entre as pessoas. Essas relações tendem a ser “líquidas”, ou seja, são sempre mutáveis, não duram muito... Isso ocorre em virtude de que, com o Tinder, Instagram, Facebook, é muito fácil fazer amigos e parceiros amorosos; entretanto, é mais fácil ainda se desapegar dessas pessoas. Basta apenas bloquear alguém com quem você não deseja mais interagir e você nunca mais irá ouvir falar dessa pessoa. Com isso, todo mundo hoje em dia diz possuir muitos amigos, porém a quantidade de amigos que é realente próxima é muito pequena. Os relacionamentos também tendem a ser mais frequentes, porém menos duradouros.

Apesar desses “problemas”, uma parte da população acredita que o avanço tecnológico fez com que os novos indivíduos se tornassem menos alienados sobre o que ocorre no mundo afora. Sem a internet, a informação era propagada em uma magnitude bem menor do que hoje em dia. Por isso, as pessoas se limitavam a ficar sabendo sobre os acontecimentos mais “importantes”, segundo os veículos jornalísticos, que eram, e ainda são até hoje, um dos principais meios de nos manter informados. Já atualmente, a notícia aparece quase que em tempo real e as pessoas ficam sabendo sobre diversos acontecimentos, no mundo inteiro, rapidamente e com muita facilidade.

Todavia, o acesso à informação rápida não é uma característica exclusiva das gerações mais recentes. É possível e bem comum uma pessoa já um pouco mais velha se manter bem informada. Ou seja, todos conseguem sempre se informar sobre tudo, não é uma característica comportamental e sim algo que o avanço tecnológico tornou possível para todos.

Por fim, a internet e o modo como as pessoas são criadas altera o comportamento das novas gerações de várias maneiras. Essas mudanças podem ser consideradas como negativas, mas tudo depende do ponto de vista. Mudanças são necessárias e é preciso sempre estar se adaptando ao mundo moderno. ✦

Repense o ELOGIO

Tom Rabinovitch

As palavras podem aprisionar ou emancipar. Essa frase está bem ligada a um tema muito importante para a formação de um indivíduo desde a infância até o período adulto: o elogio. É um tema pouco abordado, que passa despercebido por muitas pessoas. Isso pode ser uma fonte para alguns problemas na formação de um indivíduo e no desenvolvimento da sociedade como um todo. Os elogios podem ser uma forma de “alimentar” preconceitos existentes na sociedade, ou seja, eles podem reforçar o uso de estereótipos sociais, de gênero e de beleza na formação da criança.

Os elogios podem acabar sustentando estereótipos como o de gênero na medida em que nos fazem limitar o tipo de elogio, o que pode fazer com que a criança se prenda a ele. Para exemplificarmos essa ideia, podemos pensar sobre o que acontece quando chamamos uma menina de princesa e delicada. Isso pode influenciá-la a acreditar que todas as mulheres são mais frágeis do que os homens e que não podem ser heroínas também, já que a figura da princesa está fortemente ligada a alguém indefeso e que precisa ser salvo.

Um fato que devemos considerar é que o elogio geralmente não se refere à pessoa, e sim ao modelo criado pela sociedade, ou seja, os elogios podem também ser uma maneira de projetar um padrão. Ao elogiar uma pessoa dizendo que ela é bonita, referindo-se ao seu cabelo liso e loiro, ou à sua cor de pele, estamos nos referindo ao estereótipo criado, principalmente pela mídia, que generaliza a definição de beleza. Ao analisarmos as revistas, canais de tv, pro-

pagandas, iremos rapidamente perceber o padrão de beleza pré-estabelecido.

Por outro lado, é possível analisar essa situação de uma maneira diferente. Pode-se dizer que o elogio não é prejudicial para a formação da criança, já que é um ato de carinho que a motiva, aumentando sua autoestima. Por conta disso, se não elogiamos as crianças, diz-se que elas poderiam acabar tendo outros problemas relacionados à falta de atenção; e que se um aluno, por exemplo, não for elogiado pelas suas qualidades, ele não será capaz de realizar seus estudos de maneira eficiente, possuindo baixa autoestima.

Entretanto, essa ideia pode ser rebatida pelo fato de que, quando alguém elogia o outro, por mais que se possua uma boa intenção, a ação pode acabar fazendo com que a criança passe a se cobrar para seguir essa condição que lhe foi imposta, o que pode, conseqüentemente, tornar-se uma dependência em relação ao padrão da sociedade. Também devemos lembrar que isso não quer dizer que não podemos elogiar as crianças e adolescentes, apenas precisamos ter cuidado com o que dizemos.

O elogio, como foi observado, é a ação de enaltecer uma qualidade ou virtude de alguém e também pode ser utilizado como uma ferramenta para melhorar a autoestima ou corrigir um defeito de uma pessoa. Porém, o uso dele em excesso pode, além de reforçar os estereótipos, principalmente de gênero e beleza, gerar uma dependência não apenas do padrão em si, mas também do elogio. Isso significa que o elogio pode se tornar necessário para a criança, fazendo com que sua formação seja prejudicada. ✦

A falta de investimento do Brasil na CIÊNCIA

Livia Cristina Busato

"A vida sem ciência é uma espécie de morte". Esta frase, atribuída a Sócrates, no Brasil parece ter perdido o seu valor. Atualmente, os líderes que estão no poder não têm planejamento nem interesse político em investir, sistemática e consistentemente, em ciência no país. Por isso, o dinheiro público que costumava ser investido nesta atividade foi cortado drasticamente e transferido para outras áreas que os líderes dizem ter mais urgência. Isso está gerando um grande atraso em setores fundamentais da sociedade, como o social e o econômico, como veremos nos próximos parágrafos.

Em virtude dos drásticos cortes exercidos pelo governo, estão ameaçadas a continuidade das pesquisas e a formação de novos cientistas no país. Isto significa que o futuro do Brasil está em jogo, já que ciência e tecnologia são fatores dos quais depende o desenvolvimento econômico e social de qualquer nação contemporânea. O Brasil atualmente investe em torno de 1% de seu PIB em pesquisas científicas. Em contrapartida, vemos no gráfico abaixo que Israel investe por volta de 4,2% de seu PIB.

Outro elemento válido de se lembrar é que pela falta de planejamento e investimento nos sistemas avaliativos, acaba ficando atrasada a publicação de novos artigos que contribuiriam para o avanço científico nacional, consequentemente demorando a gerar a grande repercussão que poderiam. Os sistemas avaliativos são os processos que fazem com que as pesquisas sejam aprovadas como novas descobertas, e que assim sejam publicadas.

Um bom exemplo dessa situação foi a do físico Ado Jório de Vasconcelos, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que publicou, em 2002, um paper no qual descrevia a aplicação de uma técnica conhecida como espectroscopia Raman

na identificação das propriedades de nanotubos de carbono, considerados bons condutores térmicos. O artigo só começou a ser repercutido mais intensamente a partir de 2010, quando a comunidade científica começou a dar importância para o estudo da anomalia de Kohn. Essa anomalia é um conceito da Física, que obteve uma grande atenção no campo científico em 2010.

E uma das piores consequências que essa falta de investimento causa é a falta de incentivo nas escolas, que gera o desinteresse de uma parcela da população pela ciência. Destarte, por essa população não enxergar a ciência como um fator decisivo para seu futuro, ou apenas a probabilidade de esta estar ligada a um futuro emprego, o campo científico tem uma redução drástica de pesquisadores. Assim, temos a possibilidade de não serem criadas futuras brilhantes ideias que poderiam revolucionar a ciência que temos hoje.

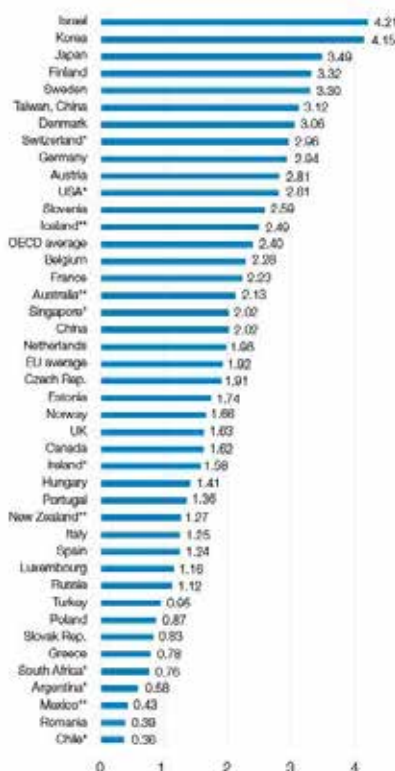
Um exemplo muito pertinente é a escassez de laboratórios em escolas públicas e privadas. No país inteiro, cerca de 27 milhões de estudantes – o equivalente a 70% dos alunos do ensino básico – estudam em escolas públicas e privadas desprovidas de laboratórios de ciências. O último Censo Escolar do Ministério da Educação apresentou dados que mostram que 57,4% dos alunos matriculados no Ensino Médio estudam em escolas com laboratório de ciências (51,3% das escolas); no Ensino Fundamental, 25,2% das escolas atendem a 33,4% do total de alunos com esse equipamento. Nos anos iniciais, são 15,7% das escolas com laboratórios.

Entretanto, existem muitas pessoas que afirmam que não é o estado quem deveria financiar a pesquisa e a tecnologia do país, e sim grandes

empresas privadas, já que foram estas que proporcionaram grandes invenções, as quais revolucionaram nosso cotidiano. Mas o que essas pessoas não perceberam é que todas as invenções só se tornaram possíveis em virtude das pesquisas de base e iniciativas feitas pelo Estado.

Em suma, o desinteresse e o não planejamento dos atuais líderes políticos sobre a ciência resultou em cortes drásticos nos investimentos fundamentais da ciência do país, gerando, dessa forma, a decadência da educação, saúde, economia, preservação ambiental e outras áreas fundamentais que ajudam no desenvolvimento do país.

Spending on R&D



Disponível em:
<https://www.weforum.org/agenda/2015/07/which-countries-spend-the-most-on-research-and-development>.
Acesso em 01/08/2018.

Quem tem MEDO da cidade?

Ana Luísa Depiné

As cidades são um reflexo dos diversos modos de organização social. Dessa maneira, falar do espaço urbano é falar, entre outras coisas, sobre gênero. Construímos nossa civilização com base em uma cultura patriarcal, que rebaixa tudo o que remete ao feminino e que está presente até hoje. A cidade, sendo um produto da ideologia que cultivamos, interage com as mulheres de maneira agressiva, segregadora e excludente. Estas não são bem-vindas no espaço público e, se não possuem privilégio econômico para evitar a exposição, as ruas se tornam mais um local de opressão.

Para compreender essa complexa questão, é importante lembrar que a mulher é historicamente associada à esfera privada. É comum que sejam elas que se encarregam de todos os afazeres domésticos até os dias de hoje. Essas motivações para que o indivíduo feminino se encaixe em um local de servidão vêm desde a infância, quando as meninas são privadas dessa fase da vida e têm de carregar maiores responsabilidades sobre si mesmas e sobre os outros. Assim, não é de se surpreender que uma mulher ocupando espaços públicos e um papel de ser político e cidadã cause tamanho incômodo.

As maneiras de demonstrar a rejeição são as mais variadas. Acredito que o assédio e a agressão sexual sofridos sejam exemplos perfeitos de uma constante lembrança de não pertencimento. Num país em que uma a cada cinco mulheres relata ter sofrido estupro e que o assédio verbal ou físico é comum desde a idade dos onze anos, não podemos dizer que a mulher tem sua individualidade respeitada e considerada. Elas crescem com um medo constante do escuro, das esquinas, de estranhos, tendo inclusive sua saúde mental prejudicada.

Porém, nada é imutável. O deslocamento feminino sofre alterações junto com as cidades e o sistema econômico. As mulheres têm cada vez uma maior necessidade de estar se locomovendo. Desde a revolução industrial, elas têm adentrado ao mercado de trabalho, tendo que realizar duplas jornadas, em casa e no emprego. O estudo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de São Paulo indica que elas são 76,6% dos passageiros nos transportes públicos, com motivações e destinos mais diversificados que os dos homens, que normalmente se restringem à casa e local de trabalho. A contradição está exatamente na desconsideração e na falta de representação do feminino em decisões públicas relacionadas ao urbanismo, mesmo sendo mulheres a maioria no espaço urbano.

É sempre importante considerar que, na maioria das vezes, as mulheres têm a calçada e o transporte público como únicos meios de locomoção, não tendo o privilégio econômico de se proteger das agressões. Hoje, no Brasil, elas ganham em média 30% a menos do que os homens nos mesmos cargos e não têm incentivo para obter uma independência financeira. O senso de 2012 nos mostra que apenas 13,7% dos deslocamentos femininos em carros são feitos por automóveis de sua propriedade.

Em contrapartida, há quem acredite que gênero e cidade consistem em uma questão simples. O projeto de lei que aplica uma política do funcionamento de vagões exclusivos para as mulheres é um exemplo disso. Hoje, essa política já é aprovada nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro. Seu objetivo é ser uma solução para as frequentes agressões e assédios que ocorrem no transporte público.

Essa medida pode aparentar ser positiva, porém, ela acaba por trazer maior segregação, propagando a ideia de que a responsabilidade por essa questão está nas mãos das vítimas. Soluções rápidas nem sempre são as mais eficazes, a separação de vagões não acabará com o assédio e a agressão, já que são problemas sistemáticos e que demandam uma desconstrução de valores. Em suma, é fugir do problema; não devemos excluir e formatar o deslocamento das vítimas e sim educar os agressores.

O apagamento é uma das piores formas de opressão. É por isso que é importante que o espaço que corpos femininos ocupam seja discutido e que suas histórias e contextos sociais sejam lembrados. A existência da mulher na cidade precisa ser lembrada e discutida, só assim conseguiremos voz e surgir enquanto seres políticos e cidadãs. Apenas dessa maneira nossas cidades conseguirão progredir e se tornar um espaço mais inclusivo e acessível. ✦

Sem lar, sinônimo de OCUPAR

Laura Cruz

"Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada." A realidade de grande parte da população brasileira não difere muito da narrativa criada na cantiga "A casa", de Vinicius de Moraes. Esse cenário se instaurou através do processo de segregação urbana, que tem como reflexo a formação de favelas, cortiços e áreas de invasão, e está estritamente relacionado à segregação social, que tem como vítima os constituintes das classes mais baixas da pirâmide social. Não coincidentemente, são justamente esses os sujeitos protagonistas dos problemas de habitação e moradia no Brasil e na cidade de São Paulo.

O déficit habitacional na metrópole pode perfeitamente ser mal interpretado. A julgar pela própria nomenclatura utilizada para intitulá-lo, o problema não é isoladamente a falta de moradia, mas também o "déficit de renda", que só aumenta, juntamente com os preços de aluguéis. Ao se ter isso em mente, fica explícita a necessidade de ocupações para escancarar esses problemas para a sociedade. Estas atuam como uma forma de protesto e de colírio, para nos tirar da nossa zona de conforto e nos fazer enxergar que aquilo que para nós é tão banal, mas para outros ainda é inalcançável.

"Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição". Como apontado no sexto artigo da Constituição Federal, a moradia é um direito do cidadão; então, ao debater este assunto, é primordial termos em mente que a discussão não está fundamentada apenas em um problema habitacional, em falta de casas, mas sim na infração dos direitos sociais que dizem respeito a toda a população, inclusive àqueles que marginalizamos cotidianamente. No simples ato de vir para a escola todas as manhãs, estamos sendo testemunhas disso: da próxima vez, preste atenção e conte quantas pessoas você vê desabrigadas ou com a sorte de ter um acampamento de pé.

Essa cena se torna muito mais comum se nos aventurarmos a sair da nossa bolha social e visitarmos o centro da cidade. Cerca de 45 anos atrás, o centro de São Paulo começou a ser abandonado por conta da Lei de Zoneamento de 1972, que não incluiu a região em seus planos, uma vez que os bancos e shoppings foram transferidos e construídos em outros bairros e coube ao centro dar lugar a grandes estações de ônibus e ao Minhocão, o que

significava aquele ser apenas um local de passagem. Não obstante essa lei de 72, no início de 2018 o ex-prefeito da metrópole, meses antes de renunciar ao cargo, propôs algumas mudanças quanto ao zoneamento da cidade. Doria pretendia flexibilizar a regra para a construção de grandes empreendimentos e isentar construtoras de suas obrigações sociais e ambientais. Nesse exemplo, torna-se evidente o porquê da dificuldade de solucionar o problema habitacional: não é de interesse do governo.

Nas últimas eleições, as empreiteiras foram as principais financiadoras de campanhas e, dessa forma, tornaram-se grandes influenciadoras nas decisões de políticas urbanas. É importante ressaltar que a construção de moradias não é a solução, não há eficácia em construir moradias se elas não estão inseridas em um ambiente que contenha escola, hospital e fácil acesso a transporte, e muito comumente esses edifícios, quando construídos, encontram-se em periferias, que além de não disporem desses pré-requisitos, pelo fato de possibilitarem um lucro maior com cada unidade construída, tornam-se de maior interesse para as construtoras.

Por isso, a alternativa é ocupar. Os movimentos sociais gerados em torno dessa causa são vários e todos têm o mesmo objetivo: chamar atenção para o problema de habitação. Há quem diga que a ocupação é ilegal; entretanto, propriedades privadas têm que cumprir uma função social, é lei, e a partir do momento em que 708 edifícios no centro da cidade se encontram abandonados, eles não estão cumprindo sua função. Propriedades abandonadas e ociosas estão em situação ilegítima, e a ocupação está restituindo a serventia das propriedades.

Após a tragédia do desmoronamento do edifício Wilton Paes de Almeida, tornou-se pública a informação de que, em média, os moradores de ocupações pagavam uma mensalidade com teto de R\$ 400 para manutenção do imóvel. Então, você pode estar se questionando se, quando mencionei anteriormente que o déficit habitacional na realidade é um "déficit de renda" por conta da especulação imobiliária e há inviabilidade dessas pessoas de arcarem com altos preços de aluguel, estou me contradizendo, uma vez que R\$ 400 é um valor significativo. Entretanto, os aluguéis de imóveis nas regiões do subúrbio de São Paulo giram entorno de R\$ 1700,00 a R\$ 3.000, e esse valor, comparado a R\$ 400, não me parece tão problemático.

Ter o conforto de saber que depois de um dia cansativo de trabalho você poderá voltar para casa sem se preocupar se vai ter energia, água ou se o teto vai desabar na sua cabeça não deveria ser algo restrito às camadas superiores da sociedade brasileira. A importância de termos assuntos como o déficit habitacional em pauta para políticas públicas é crucial para construirmos uma sociedade mais justa e democrática, e enquanto morar for um privilégio, ocupar será um direito. ✦

PICHAÇÃO:

crime ou arte?

Gabriela Citino

Ao andar pelas ruas de São Paulo, é quase impossível não reparar nos inúmeros símbolos e palavras que se espalham por todo o espaço urbano, em lugares que vão de placas de trânsito a topos de edifícios. Mesmo tendo se incorporado vigorosamente à paisagem das cidades, a pichação continua sendo fortemente marginalizada e sua prática estritamente proibida. Crescemos ouvindo que ela não passa de um ato de vandalismo, sem nunca nos questionarmos sobre o porquê de sua existência. O que talvez muitos não enxerguem ou se recusem a enxergar é que, em alguma medida, a pichação tem um significado. Não poderia, então, ser considerada uma manifestação artística, bem como uma forma de expressão, deixando de ser vista como um ato criminoso?

Essa discussão é muito presente hoje em dia, embora muitos rejeitem a possibilidade de a pichação ser considerada uma arte urbana no momento em que lhes é apresentada, devido à quase imediata associação de arte com beleza. É importante considerar, no entanto, que o conceito de arte está em constante transformação e, diferentemente de algumas décadas atrás, não depende mais apenas da beleza. Nesse quesito, a polêmica ao redor do pixo assemelha-se muito com a situação dos grafites em São Paulo, que foram recentemente descriminalizados (2011) e hoje são considerados uma das formas de arte mais características da cidade.

Além disso, ao contrário do que muitos devem pensar, o pixo não é um movimento recente: a erupção do vulcão Vesúvio, na cidade de Pompeia (Itália), preservou elementos de pichações nos muros da cidade datados da Antiguidade. Entretanto, no que diz respeito à cidade de São Paulo, o movimento fortaleceu-se nas décadas de 80 e 90, com a intensificação do processo de urbanização e formação das periferias, embora já estivesse muito presente desde o período da ditadura militar,

sendo transmitidas, desde então, mensagens de revolta e resistência.

É importante perceber, portanto, que com a segregação social sustentada pela evidente divisão da cidade entre bairros nobres e periferias, a pichação torna-se uma forma de expressão, já que, muitas vezes, as condições em que se seus autores se encontram impossibilitam o acesso a outros meios de exteriorização de pensamentos e sentimentos, bem como a alguma forma de inclusão e ocupação de um espaço que lhes fora negado. De qualquer forma, devido ao tabu criado em cima do pixo, o movimento dificilmente é reconhecido como artístico, sendo muitas vezes interpretado como um problema estético urbano de poluição visual e degradação do patrimônio público e privado.

Para alguns, incluindo o ex-prefeito da cidade de São Paulo, João Dória, a solução parecia simples: tudo se resolveria se fossem reservadas áreas nas quais os pichadores pudessem atuar sem serem considerados criminosos – ou, em outras palavras, onde a pichação fosse legalizada. Essa proposta, no entanto, entra em conflito com a própria ética do movimento, já que encobrir o pixo alheio não é algo admirado entre aqueles que o praticam e a zona reservada dificilmente comportaria espaço para todos. Além disso, apenas contribuiria para a criação de mais barreiras que o movimento busca quebrar.

Logo, ao contrário do que nosso senso comum nos indica, a pichação não cria novos problemas: ao compreendê-la, percebemos que ela evidencia aqueles que já existem, além de ser, também, uma forma de inclusão e expressão para muitos, transmitindo mensagens de resistência pelo espaço urbano. Apenas prestando mais atenção no que dizem os muros da cidade é possível termos nossa percepção da sociedade ampliada. Dessa maneira, esse movimento tão marginalizado pode ser considerado uma das formas mais democráticas de arte. ✦

Periferia é

PERIFERIA

Danilo Denunci

No mundo da música, o samba, o rap e o funk expressam, no Brasil, as dificuldades de uma comunidade. Esta forma de se expressar é única, já que essa parcela da população é manipulada e desvalorizada por aqueles que mantêm o poder. Até os dias de hoje, essa massa sofre injustiças sociais e mesmo assim se acomoda nesse “estilo de vida”. Porém, quando nascem representantes da periferia, que expressam sua voz, a comunidade acorda de vez.

Mano Brown, um dos vocalistas do grupo de rap Racionais MC's, dá como exemplo a época em que o grupo lançou o álbum “Sobrevivendo no Inferno”, que relata a vida de um ex-presidiário tentando não se envolver novamente com a vida de bandido. “O Brasil tem épocas de cegueira, o brasileiro se auto-aliena, de tempos em tempos ele fica cego, surdo e mudo. Nessa época, ele estava cego surdo e mudo, tinha coisas muito óbvias que, de certa forma, ninguém via. Mas a periferia via e vivia, porém não se dava conta do que estava em jogo, e o que envolvia ela [...] Mas quando os Racionais vêm dizendo o óbvio, a sociedade diz como a gente é foda... Foda o quê? Nós nascemos analfabetos, parceiro, eu falei o óbvio.”

Além de serem historicamente vítimas, muitos negros que vivem no subúrbio se sentem culpados por terem essa cor de pele, ou fazerem parte de uma classe social menosprezada. A funkeira MC Linn da Quebrada, ativista transexual, participou de um debate no projeto “Juventude Com Direitos” e se pronunciou dizendo: “A história da população negra, a história de pessoas como nós, que vivemos na periferia, não são as histórias que estão registradas na maior parte dos livros. Não são os nossos corpos,

as nossas vivências, que estão representadas na televisão.”

Apesar das músicas periféricas terem o costume de trazer questões problematizadoras, o verdadeiro propósito delas é conseguir harmonizar a sociedade como um todo. O rapper, compositor e produtor Rappin' Hood cita em sua música: “Rap é o som da paz que prega união, mais uma estrela da constelação, meu compromisso eu sei, não é em vão, então se liga, jão.”

Recentemente, a Unicamp divulgou sua lista de obras de leitura obrigatória para o vestibular 2020. Entre outras obras, está o álbum “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais MC's, já citado anteriormente. Por causa desta decisão, o ativista político, youtuber, integrante do MBL e pré-candidato ao cargo de deputado estadual por São Paulo, Arthur Moledo do Val, indignou-se, defendendo que as letras presentes nesse álbum são ofensivas e não deveriam de forma alguma ser usadas como critério de estudo no lugar de Machado de Assis: “Racionais não é cultura. Um CD de rap dos anos 90 que fala aquele tipo de coisa não é cultura.”

Porém, uma análise mais profunda nos mostra que a inclusão de uma obra de um grupo de rap da periferia no vestibular de uma universidade reconhece o valor cultural e social deste movimento equiparando os responsáveis a Luís de Camões e Ana Cristina César.

Lentamente, a sociedade vem reconhecendo a importância e relevância da voz da periferia, que se encontra em suas obras. Com a continuidade das manifestações artísticas periféricas, cada indivíduo poderá ser respeitado e reconhecido como cidadão, independentemente da sua classe social. ✦

Na arte, os **FINIS** justificam os **MEIOS?**

Helena Sader

"A arte é o espelho dos nossos ideais traídos". A frase da escritora Doris May Lessin retrata o consenso de que a arte é um dos assuntos da nossa sociedade que mais geram controvérsias. Isso porque, por natureza, a arte retrata a nossa realidade e esta, como sabemos, não é das mais bonitas. Ultimamente, vêm ocorrendo casos de censura e grandes discussões proporcionadas pela esfera artística. A existência (ou não) dos limites na arte é um dos temas postos em discussão. Até que ponto o desconforto pode ser considerado uma provocação favorável à crítica e quando ele deixa de ser provocação e passa a ser um incômodo gratuito? Se for um incômodo gratuito, deve haver uma censura? A meu ver, esse desconforto é necessário, conforme se use a arte como ferramenta de crítica social. No entanto, no momento em que o incômodo passa a ser irracional ou preconceituoso, vale avaliar se essa provocação ainda é necessária. Deve-se pensar também no que e em quem define o que é visto como "necessário" ou não, visando a não agredir a liberdade de expressão.

A partir da inquietação proporcionada pela arte, somos instigados a questionar e refletir sobre a nossa realidade, que é mostrada através da arte de forma pouco romântica. Sendo assim, a arte nos incita a repensar não apenas nossos próprios atos, mas a sociedade como um todo, combatendo a falta de pensamento e a alienação. Temos como exemplo

disso uma forma de arte urbana muito polêmica: o grafite. Banksy, um grafiteiro inglês de identidade anônima, preenche muros da Inglaterra com obras inquietantes e críticas, não somente ao seu país, mas também à política mundial. Seu trabalho, apesar de ser visualmente agradável, causa desconforto e abalo psicológico. Além de Banksy, grafiteiros brasileiros, como Os Gêmeos, também criticam nosso país e medidas do governo. Sendo os grafites expostos em lugares públicos, todos que passam por eles, sem restrições sociais ou de idade, podem perceber a crítica e pensar sobre ela.

Além disso, as noções de "desconfortável" e do "desnecessário" são extremamente subjetivas. Logo, o que é dispensável ou desprezível para alguns pode não ser para outros. Dito isso, quem pode determinar o que é ou não apropriado para a arte, sendo que essas noções são relativas ao ponto de vista, idade e ideologia do pensador? Temos como um exemplo disso o recente caso do QueerMuseum / MAM, em que o bailarino Wagner Schwartz realizou uma performance, nu. Durante a apresentação, o artista entrou em contato com uma criança, acompanhada na mostra por sua mãe. A partir disso, uma polêmica foi gerada pelo MBL (Movimento Brasil Livre), que considerava tal contato um incentivo à pedofilia, julgando-o como crime. Em contrapartida, não apenas a mãe da criança – que também é artista – como várias outras pessoas avaliaram o ato como

Abaixo, imagens de grafites dos Gêmeos e Banksy, respectivamente.



uma manifestação da arte e, sobretudo, uma crítica à hiperssexualização do corpo na nossa sociedade. Assim, considerando as diferentes visões sobre o fato, quem pode julgar se a mostra foi crime ou arte?

Existem, ainda, alguns produtos artísticos que não se constroem a partir da crítica, porém precisam das cenas desconfortáveis para causar o impacto desejado. Somente assim, o público pode se cativar com o tema do produto, continuando a consumi-lo. Os filmes “A Pele que Habito”, dirigido por Almodóvar; “Cisne Negro”, de Darren Aronofsky; e “V de Vingança”, de James McTeigue, são exemplos característicos desse tipo de arte, na qual o desconforto é um elemento essencial para conquistar a atenção do público.

No entanto, existem obras que, devido a suas cenas desagradáveis de assistir, podem acarretar distúrbios emocionais, por exemplo – mesmo que essas cenas sejam usadas em prol de uma crítica maior –, uma vez que atingem um público já sensibilizado por certo tema. Recentemente, a série “13 Reasons Why”, produção original da Netflix, causou grande debate por tratar de um tema muito sensível: o suicídio e a depressão na adolescência. O seriado mostrou, ao longo de suas duas temporadas, diversas cenas de estupro, suicídio, consumo de drogas e bullying extremo. A série serviu de estopim para uma cadeia de discussões e críticas, entre elas a questão de o suicídio estar tão explícito, uma vez que é mostrado sem censuras – quase como num tutorial. Questionou-se, então, se a transmissão de “13 Reasons Why” não poria em risco a saúde mental dos espectadores, principalmente os já fragilizados com os assuntos tratados.

Em contrapartida a essa questão, um movimento grande de apoio à série defendeu que ela mostra

como a adolescência e o colegial são etapas difíceis da nossa vida – utilizando-se de cenas claras e não censuradas dos eventos acima enunciados – com o intuito de promover não somente a conscientização dos pais, alunos e escolas sobre os temas tratados, mas também visando a uma crítica do sistema das escolas americanas. Neste caso, vale a pena mostrar tudo isso, mesmo que seja um gatilho? A crítica compensa o risco? Esse tipo de conteúdo deve ou não ser censurado?

A meu ver, não se deve censurar ou impedir a circulação dessas obras, já que isso violaria a liberdade de expressão e artística. Nessas situações, deve-se apenas advertir os consumidores sobre o conteúdo abordado. Desta forma, o público sensível ao assunto expressado não se prejudicaria – evitando-se que a obra funcionasse como gatilho para diversos distúrbios – e as pessoas que não se comprometem ao entrar em contato com tal temática seriam livres para assistir o que bem entendessem, podendo também usufruir da crítica e da conscientização proposta.

Levando em conta o que foi acima enunciado, pode-se dizer que o desconforto é, de fato, uma peça essencial na arte. Apesar de, algumas vezes, trazer o risco de causar impactos negativos, na grande maioria dos casos, a presença dessa característica nos mais diversos produtos artísticos se reflete em resultados positivos. O desconforto promove não apenas a conscientização do público em relação a certos temas, mas também a informação e desalienação. Sendo assim, gera pelo menos parte de uma sociedade mais crítica. Além disso, esse aspecto também é fundamental para o efeito das obras em nós, para seu impacto e, conseqüentemente, nosso proveito desses produtos artísticos. ✦

O novo VÍDEO do mundo

Catharina Maia

Câmera em plano fechado. No centro, um homem sem camisa, negro. Ele começa a andar, se movimentando de maneira específica – algo de gestual marcado e caricato – enquanto o plano se afasta, nos levando a ver um outro homem, encapuzado e sentado numa cadeira. Inesperadamente, o primeiro saca do bolso uma arma e atira sobre o homem encapuzado, que cai morto no chão e é arrastado para fora de plano. O ritmo muda para um clima tenso. Childish Gambino afirma cantando: “Isso é a América”.

Em seu último videoclipe, o ator, roteirista e também rapper Donald Glover (que canta sob o pseudônimo de Childish Gambino) criou um ambiente de reflexão histórica sobre questões como o racismo e a violência nos Estados Unidos. O clipe, dirigido por Hiro Murai, seu parceiro na série “Atlanta” e diretor de diversos videoclipes do artista, contém cenas violentas – como a descrita anteriormente –, que chocam o telespectador. Isso não foi feito sem nenhum motivo, no entanto. É um manifesto, uma jogada inteligente.

A primeira mensagem que se pode captar assistindo ao clipe é a denúncia à violência contra o homem negro, sustentada pela legalização da posse de armas nos Estados Unidos. O assassinato do homem encapuzado logo no começo do clipe é a primeira das duas grandes reproduções de violência armada, sendo seguida da cena em que dez jovens de um coral gospel são brutalmente assassinados por Gambino, que depois de usar a arma, volta a anunciar: “Isso é a América”. É uma referência ao massacre de Charleston, ocorrido em junho de 2015, quando um jovem branco de vinte anos entrou numa igreja afro-americana e matou nove pessoas a tiros.

Além da forte representação da violência contra o homem negro através da ação armada, Glover

invoca no clipe a figura de Jim Crow, personagem popular nos Estados Unidos do século XIX. Sendo essencialmente uma caricatura pejorativa do homem negro, Jim Crow aparecia em propagandas, programas, livros e peças como a representação de afrodescendentes nos Estados Unidos.

Trazer essa personagem à vida em 2018, época em que o primeiro presidente negro americano foi substituído pelo supremacista Trump, em que 64% das mortes do país são causadas por armas de fogo e em que a taxa de assassinatos de pessoas negras é oito vezes maior que a de brancos é uma estratégia extremamente válida.

Porém, o clipe, por mais que traga para muitos uma inteligente denúncia ao racismo e à violência (assim como é considerado neste artigo), pode ser mal interpretado por internautas não inteirados do contexto histórico ou até mesmo da situação básica da sociedade americana. Dessa forma, o clipe pode parecer abstrato e gratuitamente violento, pois é realmente incongruente assistir a um homem negro assassinando outros homens e jovens negros e em seguida dançar e cantar uma música *trap*.

No entanto, devido às particularidades de *This Is America*, centenas de vídeos e artigos analíticos foram produzidos para uma melhor compreensão dos significados do clipe, que foi assistido por mais de 360 milhões de pessoas. Portanto, analisá-lo adequadamente não é assim tão difícil.

O clipe coloca em questão os temas citados de maneira inédita e original, de forma que o resultado tenha sido um reconhecimento mundial acerca da seriedade do racismo e da violência à mão armada, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. A jogada de Donald Glover, por fazer tudo isso, deve ser aclamada. ✦

ARTE

do ambiente escolar ao mercado de trabalho

Bianca Marcomini

Por que será que no mercado de trabalho algumas disciplinas escolares antes valorizadas parecem perder a importância? Pintura, desenho, escultura, fotografia, dança, música, dentre outras, são deixadas de lado na hora da escolha da profissão do estudante, que normalmente é orientado a escolher profissões relacionadas a outras áreas, como a da matemática e das ciências. Uma das principais justificativas dessa sugestão consiste no fato de que os conhecimentos da área das artes não oferecem boas perspectivas de trabalho. Será que isso é verdade?

Ao longo de sua formação, os alunos vivenciam situações diversas envolvendo conhecimentos de múltiplas linguagens artísticas. Nessas experiências, muitos deles percebem suas habilidades ou aprofundam seus conhecimentos em algumas dessas linguagens. Entretanto, junto com o encantamento vivido frente às inúmeras possibilidades da criação artística, há uma certa frustração ao descobrir que as produções de muitos artistas somente foram reconhecidas após a morte e que estes tiveram uma vida financeiramente precária. Essas histórias de vida consistem em um dos principais argumentos para apontar a falta de perspectiva das profissões relacionadas à área das artes.

Isso se dá porque em uma sociedade fundada na

lógica capitalista só interessa aquilo que tem uma utilidade explícita, como, por exemplo, o trabalho de um engenheiro. Desse modo, a arte pela arte fica às margens, por exigir mais esforço para ser compreendida. Nesse contexto, realmente podemos considerar que o mercado é mais restrito.

Entretanto, a arte está presente em muitas profissões mais reconhecidas e bem remuneradas, ou seja, que se adequam melhor ao modo de produção capitalista, como por exemplo: arquitetura, *design de games*, *web design*, estilismo, cirurgia plástica, propaganda e marketing, dentre muitas outras.

Claro que as profissões citadas acima certamente se adequam ao modo de produção capitalista; de qualquer maneira, a pessoa não se torna uma artista e sim elege uma profissão em que a arte está presente, com a possibilidade de criar algo. Considerando as artes como uma parte dos conhecimentos necessários e fundamentais para exercer essas profissões, passa a ser possível entrar no mercado de trabalho.

A arte pela arte não oferece boa perspectiva de trabalho porque vivemos em uma sociedade fundada na lógica burguesa e capitalista. Porém, as habilidades e os conhecimentos relacionados à pintura, desenho, fotografia, dança, música, dentre outras linguagens artísticas, podem e devem contribuir na escolha da nossa profissão. ✦

Desvalorização das POPULAÇÕES INDÍGENAS na sociedade brasileira

Manuela Mazzucchelli

Desde a colonização portuguesa da América, os povos nativos brasileiros vêm sofrendo uma enorme desvalorização social, violência e temor psicológico. Na invasão portuguesa, eles foram utilizados como mão de obra escrava para as explorações territoriais e extrativas, e toda a sua cultura foi ignorada pelo homem branco europeu. Tendo em vista o quadro atual da situação dos indígenas no Brasil, as coisas não mudaram muito; as populações indígenas ainda são vistas como primitivas e não civilizadas pelo resto da sociedade e pelo governo.

Esta desvalorização social se reflete profundamente na forma com que a sociedade olha para os índios. Muitos interpretam a demarcação de terras indígenas como um privilégio, mas esta deveria ser vista como um dever do Estado, pois é uma questão de direito originário; os índios viviam onde hoje chamamos de Brasil antes dos portugueses chegarem e colonizarem este território. É obrigação do Estado garantir o direito de moradia dos povos originários do nosso país. Ainda, a demarcação reduz os conflitos pela posse de terra e beneficia o resto da sociedade indiretamente, já que, ao demarcar um território indígena, tem-se a garantia de que ele será preservado.

Não obstante a importância da demarcação de terras indígenas, este não é um assunto considerado de primeira importância pelo governo. Está na Constituição que o Estado precisa demarcar uma terra indígena em um período de cinco anos depois de identificada pela Funai (Fundação Nacional do Índio). Na maioria dos casos, este prazo não é cumprido, e a demarcação de terras indígenas segue como um assunto pendente.

Outro fator que explicita a desvalorização dos índios na nossa sociedade é o alto grau da prática de genocídio indígena. Na chegada dos portugueses, estima-se que 5 a 8 milhões de índios habitavam o território brasileiro. Hoje, este número é de 817 mil. Os índios são entendidos como minoria étnica, e isso é fruto de uma colonização em que os colonizadores trataram os povos nativos de forma desumana.

Um famoso exemplo de assassinato indígena brutal é o caso do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. Em 1997, ele foi queimado vivo em um ponto de ônibus por jovens da classe média-alta. Os assassinos alegaram pensar que Galdino era um morador de rua e que queriam fazer uma “brincadeira”, na qual o intuito era apenas assustá-lo. Horas depois, ele veio a falecer em consequência das queimaduras.

Além destas questões, em virtude de o homem

branco colocar o índio em uma posição de primitivo e não civilizado, a porcentagem da participação de indígenas na política é muito pequena, sendo quase nula. Como será possível ter uma discussão justa dos direitos e garantias dos indígenas sem representantes índios no parlamento? Parece inatingível.

Em toda história do Brasil, apenas um índio se tornou parlamentar; eleito em 1982, o cacique xavante Mário Juruna foi o primeiro e único deputado federal indígena do Brasil. Durante seu mandato, criou a Comissão Permanente do Índio no Congresso Nacional, lutou pela demarcação de terras e trouxe grandes benefícios para as populações indígenas. Ele quebrou o estereótipo de selvagem e primitivo que a sociedade impunha aos índios.

De outro ponto de vista, muitos usam o argumento de que se deveria reduzir a demarcação de terras indígenas, pois muitas delas estão em áreas oficialmente pertencentes a agricultores, e o abandono das terras causaria um acirramento de conflitos entre índios e agricultores.

A título de exemplo, temos o seguinte caso: em 2005, uma área reservada que fica em Roraima foi demarcada pelo presidente Lula, com o objetivo de retirar os não-índios da área de reserva. No ano seguin-

te, arroteiros entraram na justiça para tentar tomar posse das terras demarcadas, e houve um conflito armado, no qual nove índios foram baleados.

De fato, a demarcação de terras pode desagradar agricultores, mas isso não significa que se deveria reduzi-las. Pelo contrário, devemos continuar com este processo até que a moradia de todos os índios brasileiros esteja garantida. Priorizar a agricultura e não a moradia de inúmeros indígenas é violar direitos humanos.

Em suma, pode-se constatar que, até os tempos atuais, as comunidades indígenas sofrem uma enorme desvalorização, a qual se reflete em muitos aspectos negativos para eles. Até quando serão vistos como atrasados e primitivos? Isso é um imenso equívoco contemporâneo. O direito a terras dos índios deveria vir antes do capital. Afinal de contas, eles estavam aqui antes de nós. Agora, depois de uma colonização que ocasionou uma série de assassinatos e massacres, as populações indígenas representam apenas 0,4% da população brasileira. É lastimável pensar que essa porcentagem já foi de 100%. Nosso país está se tornando um museu de nossas próprias raízes, e estamos fingindo que nada está acontecendo. ✦

INDÚSTRIA DA CARNE

a economia da brutalidade

Pietra Porto

A indústria brasileira da carne é a maior exportadora e a segunda maior produtora de carne bovina no mundo, sendo que cerca de 10 milhões de toneladas são produzidas no Brasil. A pecuária é uma atividade que contribui de forma significativa para a economia do país, e é quase inacreditável que a exploração dos animais, dos trabalhadores e mesmo dos consumidores seja a base desse negócio. Estando alheia a toda atrocidade da indústria animal, a população consome carne aos montes, gerando o lucro desse sistema que fatura em cima da exploração da vida humana e animal.

Os direitos animais no processo da produção da carne são completamente infringidos. Para que as indústrias alcancem a meta do maior lucro possível a todo custo, a vida animal é desconsiderada. No Brasil, quase sete bilhões de frangos e galinhas são abatidos para o consumo anualmente. Durante toda a vida, dividem um espaço minúsculo em confinamento, onde mal conseguem se mexer, e seus bicos são arrancados para que o estresse do cativeiro não provoque canibalismo. Os frangos destinados ao consumo são modificados geneticamente para crescerem de forma rápida, sendo que em pouco tempo suas pernas não aguentam o peso do corpo, levando a óbito por problemas cardíacos e respiratórios,

além de morte por inanição quando não conseguem se mover até o comedouro. Como consequência das péssimas condições animais, a expectativa de vida de diversas espécies diminui, sendo que uma galinha que normalmente viveria dez anos tem a expectativa reduzida a aproximadamente um mês.

Além do descaso pela vida animal, a indústria da carne também apresenta grande descaso pelo meio ambiente. O setor brasileiro da pecuária é responsável por 65% do desmatamento da Amazônia, e o Ministério do Meio Ambiente estima que ao menos 70% das queimadas na Amazônia aconteça para a abertura de pastos. Tal setor também é causador de 18% da emissão de gases que provocam o efeito estufa, ultrapassando até mesmo a emissão gerada por veículos, sendo que 32 mil toneladas de CO₂ são produzidos por ano, além do gás metano, que é liberado em uma proporção de 200 a 500 litros por vaca, diariamente. Ademais, o consumo da água e a produção de resíduos também são alarmantes, considerando que 2,5 mil litros de água são utilizados na produção de 1kg de carne, e uma exploração agrícola com 2,5 mil vacas leiteiras produz a mesma quantidade de resíduos que uma cidade de 411 mil pessoas.

O consumidor não é eliminado dessa lista de exploração simplesmente pelo fato de não ter ideia da sequência que se antecede à produção da carne

que compra no mercado. Já considerada por muitos como uma economia desumana e brutal, a indústria da carne manipula o consumidor a ponto de destruir as diversas formas de vida e ainda lucrar em cima disso tudo. Em 2017, a Polícia Federal iniciou a Operação Carne Fraca, na qual trinta empresas foram investigadas por conta de acusações de adulteração da data de validade dos produtos comercializados. Para esconder a aparência podre da carne, produtos químicos eram utilizados. Com pagamento de propina aos fiscais do Ministério da Agricultura, a carne chegava aos supermercados.

Por outro lado, apesar das atrocidades que a indústria animal desencadeia, a pecuária é uma atividade de suma importância para a economia brasileira. Esse setor representa cerca de 15% do PIB e não há dúvidas de que é muito representativo para a economia. Em 2016, o lucro do agronegócio foi de US\$ 5,3 bilhões, e em fazendas e frigoríficos, a produção de carne emprega 1,6 milhões de pessoas. Atualmente, o rebanho brasileiro é de 215 milhões de cabeças de gado e o número é maior que o da população brasileira, segundo dados do IBGE.

Claro que tais números revelam que a indústria

da carne detém grande importância na economia brasileira, parecendo a quantidade de empregos que gera boa demais para ser verdade. E, infelizmente, é. Atualmente, a maior fonte de trabalho escravo no país é a indústria animal. Entre 2003 e 2014, 29% dos trabalhadores libertados em ações do Ministério Público trabalhavam na área da pecuária. A jornada de trabalho é exaustiva e as condições são precárias, além da servidão por dívidas ser frequente, por conta dos valores abusivos cobrados pela alimentação, moradia, transporte e ferramentas de trabalho. O trabalho escravo é um crime contra a humanidade, e a pecuária é um dos setores que mais influenciam tal desumanidade.

Em suma, a indústria da carne se torna a grande vilã ao mesmo tempo em que gera lucros muito significantes para o país, mas de forma desumana. Os encantos da carne para o Brasil e para o consumidor mascaram as atrocidades do processo de produção, onde se degrada a vida animal, humana e o ambiente. A indústria manipula toda uma população, e quando são considerados todos os fatores, vê-se que a pecuária não é tão benéfica quanto aparenta ser. Afinal, o dinheiro e o lucro justificam a brutalidade da indústria animal? ✦

O costume histórico de

CONSUMO DE CARNE

pode ser modificado? Como?

Noah Levin

A espécie humana sempre comeu carne. Nas cavernas, dava preferência a ela em relação aos outros alimentos, como concluíram estudos de arcadas dentárias. Porém, esse costume pode ser modificado; isso porque, hoje em dia, temos dados para afirmar que, sem esse consumo, tanto o ambiente em que vivemos quanto a nossa saúde vão melhorar muito.

Nutricionistas afirmam que conseguimos facilmente substituir a carne por outros alimentos, como alimentos leguminosos, tofu, sementes, cereais, verduras e oleaginosas, obtendo os mesmos nutrientes que a carne nos proporciona.

O setor de produção agropecuária responde pela maior parte de desmatamento da Amazônia, por exemplo, já que são necessárias novas áreas de pas-

tagem a cada ano. A criação de animais, além de exigir uso intenso de água, provoca sua poluição, pois a aglomeração de animais nos sistemas de produção aumenta a produção de dejetos por área e a necessidade do uso contínuo de antibióticos resulta em poluição do solo e das águas subterrâneas. A criação de animais produz, ainda, emissão de muitos gases de efeito estufa, responsável pelo aquecimento global.

Muitos dizem que não é fácil subverter ordens estabelecidas em milhões de anos; a genética seria uma mãe castradora. Mas, hoje em dia, nós já temos recursos suficientes para entender que, sem o consumo de carne, ajudaremos tanto o meio ambiente quanto a nossa saúde; esse é um conhecimento que antigamente não tínhamos. Portanto, eliminar a carne da nossa alimentação é uma ação muito louvável e pertinente.✦

AMOR E NECESSIDADE

do ponto de vista animal

Bruna Carvalho Luiz

No Brasil, por que há tantos maus-tratos aos animais? Em relação aos grandes mercados, não há preocupação com o sofrimento dos animais, pois o que há de mais importante para os comerciantes são os lucros que recebem em cada pedaço de carne ou em cada litro de leite vendido, de modo que, quando vamos ao supermercado, não nos importamos em olhar para trás e ver o que aquilo realmente significa (ou significava).

Há séculos, os humanos têm usado os animais para sua própria sobrevivência, porém, na maioria das vezes, submetendo-os a sacrifícios e sofrimento. Um grande exemplo de um país bastante consumidor de produtos de origem animal é a China, onde há prática muito comum de consumo de proteína animal, inclusive de animais domésticos, havendo até festivais para isso.

Um motivo para repensarmos a forma como tratamos os animais é lembrar que não é apenas nos abatedouros em que há maus tratos, mas também em nossas casas, pois qualquer ato de agressão – física ou moral – que é feito contra o animal é crueldade e precisa haver punição. Em relação ao abandono,

alguns dados indicam que com o dinheiro pago em um animal se garante dois anos de ração a um de rua.

Em termos de saúde, uma rica dieta composta de proteína animal pode nos deixar mais suscetíveis a contrair algum tipo de doença como câncer, nos deixando mais propensos a desenvolver diabetes (com riscos comparados aos riscos do fumo). Uma forma alternativa, por exemplo, são alimentos desprovidos ou com pouca proteína animal, como tofu, frutas secas, sementes e legumes, que são ótimas fontes de proteína.

Por outro lado, o consumo de proteína animal, apesar de ser perigoso, é uma das melhores fontes de energia alimentícia. Caso se queira substituí-la, é importante ter consciência de onde e de qual alimento está sendo colocado no lugar das fontes de proteína animal. Contudo, o consumo não pode ser descontrolado, basta ser feito de modo controlado para um equilíbrio alimentar e para menos sofrimento.

Podemos constatar que os maus tratos causam sofrimento. Os animais são muito utilizados para gerar lucro, então, a solução seria a redução no consumo, que garantiria uma melhor saúde, não quebraria os grandes mercados e reduziria o número de mortes dos animais. ✦

Acolhimento de

REFUGIADOS

Laís Thomaz Bastos

Devido a conflitos na África e no Oriente Médio, muitas pessoas estão sendo obrigadas a deixar seus países de origem e enfrentar uma longa e difícil travessia até um país onde tenham uma pequena chance de melhorar sua qualidade de vida ou, até mesmo, de sobreviver. Entre 2015 e 2016, mais de 300 mil pessoas tiveram que deixar seus lares e arriscar suas vidas em embarcações superlotadas, sem nenhuma segurança e sem saber se um dia conseguiriam voltar para casa.

Para melhorarmos essa crise humanitária que atinge o mundo todo, precisamos que os países estejam dispostos a acolher os refugiados e, mesmo os que não os recebem diretamente, colaborarem para superarmos essa situação crítica.

Os refugiados e imigrantes podem trazer novas ideias para o mercado e estão dispostos a trabalhar, muitos podendo ter qualificação em áreas em que o país não é desenvolvido. Três a cada quatro refugiados estão na idade de trabalhar, podendo ser benéficos para a economia de países onde há uma baixa taxa de mortalidade e boa parte da população é idosa. Porém, por uma questão de necessidade, os refugiados aceitam condições péssimas de trabalho com direitos mínimos e são, em muitos casos, explorados, o que aumenta ainda mais a desigualdade e o preconceito.

Nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e diversos países da Europa, os imigrantes representam de 7 a 20% da população, e têm ajudado a impulsionar a inovação/empreendedorismo, além de colaborar para o crescimento econômico. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os imigrantes colaboram mais em impostos e contribuição social do que recebem em

benefícios, mostrando a importância de integrá-los na sociedade.

Os refugiados trazem consigo uma imensa pluralidade cultural, com língua, religião e costumes totalmente diferentes. Além de nos darem uma lição de aceitação e convivência com o diferente, a entrada de refugiados pode abrir mais os olhos da população sobre os diversos contextos migratórios e situações econômico-sociais de outras nacionalidades.

Pode-se alegar que, ao entrarem nos países, os refugiados podem trazer doenças. Um exemplo seriam os venezuelanos que, fugindo da crise política e econômica de seu país, são os possíveis responsáveis pelos registros de surtos de malária e sarampo, doenças das quais a população dos locais de destino dos imigrantes já tinha se livrado. Outro fator negativo seria a ocupação, por imigrantes, de postos de trabalho que seriam originalmente ocupados pela população de baixa renda dos países de destino dos refugiados.

Porém, devemos ter em mente que os países com alto índice de emigração passam por graves crises humanitárias, nas quais há guerras, falta de acesso a alimentos, remédios e itens básicos de higiene. Por isso, os centros de refugiados deveriam oferecer, além de abrigo básico, vacinas e tratamentos de saúde para essa população, o que evitaria a disseminação de doenças. Outro ponto a ser considerado nesses centros é a criação de uma organização que ajude os refugiados a se colocar no mercado de trabalho.

Se houver apoio econômico por parte de outros países no fornecimento de vacinas e na criação e abastecimento de centros de abrigo, muitos refugiados podem ter uma melhoria na qualidade de vida e uma chance maior de se reinserir na sociedade, sem causar tantos impactos nos países que os recebem. ✦

REFUGIADOS

um problema ou uma oportunidade de exercer empatia?

Valentina Yusta

Com guerras e uma imensa crise ocorrendo atualmente no mundo, o movimento de refugiados cresceu drasticamente em diversos países, principalmente na África e no Oriente Médio, dividindo o restante dos países em dois blocos: aqueles que abrem suas portas para os imigrantes, querendo uma melhora no mundo e um grande enriquecimento cultural para o país, e aqueles que as fecham, levando mais em conta os impactos negativos trazidos pelos imigrantes em sua economia. Porém, a grande dúvida é: será que a economia deveria contar mais do que o bem e o enriquecimento cultural?

Segundo uma pesquisa feita pela Amnistia Internacional (AI), os dez países que acolhem mais de 56% do total de refugiados representam menos de 2,5% do PIB mundial. Estima-se também que 21,3 milhões de refugiados sejam acolhidos por países de baixo ou médio rendimento, o que demonstra como os países ricos desenvolveram políticas egoístas, que vão acabar piorando a crise de acolhimento de refugiados. Um ótimo exemplo desse cenário é que, no final do ano de 2015, a Jordânia, um país de baixo desenvolvimento, abrigava 2,1 milhões de palestinos, além de 664.100 pessoas de outras nacionalidades, contando no total com 2,7 milhões de imigrantes, passando todos os países ricos e ocupando assim o posto de país que mais abriga refugiados no mundo, dando-lhes casas e condições básicas. Além disso, a Jordânia ganha com isso histórias e experiências trazidas pelos tais imigrantes, que agregam muito conhecimento à cultura de uma nação.

Os países com economias fortes, serviços eficazes e infraestruturas desenvolvidas abrigam uma minúscula parte de todos os refugiados existentes, o que nos faz questionar a razão disso, já que não é por falta de capital, infraestrutura ou serviços. Isso nos leva à conclusão de que, infelizmente, a causa disso é o egoísmo e a preocupação com a própria economia. Os países ricos acolheram apenas 1,39% dos quase cinco milhões de refugiados procedentes da Síria; um exemplo disso é o Líbano, que, com 4,5 milhões de habitantes e um PIB per capita de 10.000 de dólares, acolheu mais de 1,1 milhões de refugiados sí-

rios, enquanto países como a Nova Zelândia, com a mesma população porém com um PIB quatro vezes maior, de 42.000 dólares per capita, apenas acolheu 250 sírios.

Um fator muito importante, que é normalmente deixado de lado pelos países ricos, é o enriquecimento cultural que os refugiados podem trazer em sua bagagem para o país que os abriga, já que são pessoas na maioria das vezes com estudo e muita história, experiência, novas ideias e muita cultura, o que, a meu ver, são os principais pilares para a construção de uma sociedade menos alienada e mais ciente do mundo a sua volta. Um estudo que comprova um pouco disso é o de que 21% dos sírios que estão migrando para a Alemanha possuem curso superior completo, percentual próximo ao dos cidadãos alemães (23%).

Em contrapartida, não podemos descartar os impactos econômicos trazidos com a chegada dos refugiados. As grandes potências econômicas e outros países mais desenvolvidos fecham suas portas para refugiados principalmente pelo fato de acreditarem que estes podem desalinhar a economia do país, “roubando” trabalhos e cargos de trabalhadores nacionais/nativos, causando uma superpopulação e uma demanda maior no investimento de dinheiro em moradia, alimentação e assistência social.

Porém, mesmo concordando que não podemos descartar estes fatores, é importante lembrar que essas decisões, na maioria das vezes, possuem bases falsas, já que, na realidade, além do impacto na demanda de produtos e serviços, como habitação e alimentação, a chegada dos imigrantes pode rejuvenescer a força de trabalho de diversos países na maioria das vezes e trazer novas criatividades para as nações europeias.

Logo, posso concluir que já chegou a hora de líderes mundiais entrarem em um debate sério e construtivo sobre como é que as nossas sociedades vão ajudar as pessoas que se virem obrigadas a abandonar as suas casas devido a guerras e à perseguição de que são alvo. Temos que começar a explicar por que o mundo consegue desenvolver novas tecnologias e combater guerras, mas não é capaz de encontrar casas seguras para 21 milhões de refugiados, que são só 0,3% da população mundial. Se os países começarem a trabalhar juntos e partilharem a responsabilidade, podemos assegurar que pessoas que tiveram que fugir de suas casas e de seus países consigam reconstruir suas vidas em segurança em outro local, pois se não agirmos, essas pessoas vão morrer: afogadas, de doenças perfeitamente evitáveis em campos e centros médicos ou por serem forçadas a regressar às zonas de conflito das quais tentaram fugir. ✦

CUIDADAO

com o que você fala

Anita S. Nejme

Desgosto, nojo e ânsia são apenas um pedacinho do que senti ao me deparar com um vídeo em meu Facebook no qual um youtuber descrevia a forma com que havia violentado sexualmente sua namorada enquanto a própria dormia. Este até poderia ser um texto tratando da cultura do estupro, machismo e de como eu, como mulher, me senti ao ver tal absurdo; porém, mesmo não o sendo, devo lembrar que não foi o primeiro caso no qual um *digital influencer* fala alguma atrocidade nas redes, como deboches racistas e mesmo frases homofóbicas. E nós, cumprindo o nosso papel de audiência compreensível e obediente, apenas nos conformamos e esquecemos do ocorrido.

A discussão começa pelo nome da profissão, “influenciadores digitais”, e é pelo nome também que a responsabilidade desses profissionais se enfatiza. Em um trabalho no qual o que se faz é simplesmente induzir, ou seja, influenciar pessoas, é preciso ter muita consciência sobre o que se diz, é preciso lembrar que o espectador não necessariamente estará criticando e questionando o que escuta, mas poderá estar apenas tomando o discurso como verdade, sendo de certa forma manipulado e tendendo a certa opinião exposta pelo influenciador. O público desses profissionais não são apenas de 100 ou 1000 pessoas, mas milhões de pessoas influenciadas.

Percebe-se, nestes tempos, que influenciadores digitais não pensam muito nessas questões ao se expor a tantas pessoas, não se preocupam com o que falam e como isso pode refletir-se nos outros. Assim, vemos *tweets* que zombam da questão racial, por exemplo, e achamos graça. É apenas uma brincadei-

ra, não é mesmo? Racismo, homofobia, machismo, entre outros preconceitos, deixam de incomodar, deixam de ser um assunto a ser levado a sério e passam a ser apenas uma zoeira, as pessoas deixam de tentar mudar e nós continuamos estáticos e preconceituosos.

Dentro de tudo isso, o que mais me preocupa é como vemos todas essas coisas passarem e não fazemos absolutamente nada. Um vídeo postado em 2017, postagens de 2013 e outras ainda mais antigas começam a aparecer só agora, no final de 2018. E serão esquecidos facilmente. Talvez seja apenas mais fácil continuar no nosso próprio conforto, não ter que enfrentar tais pessoas e situações, e como seres humanos, seguimos sempre pela via mais fácil e aconchegante. Estamos presos dentro do conformismo.

Claro que não devemos levar tudo a sério. Esbarrei outro dia com uma matéria na qual se dizia como a nossa geração é frágil, ou seja, uma geração formada por bonecos de porcelana, qualquer trincadinha e rachamos, ficamos muito ofendidos com certos comentários e nos machucamos facilmente com palavras. Evidentemente, há pontos ruins nisso; porém, em muitos casos, essa fragilidade nos faz questionar certos impasses da sociedade, o que é muito saudável.

Concluindo, a nova profissão “influenciador digital” exige certa responsabilidade, a qual não está sendo levada em consideração. Sendo assim, esses profissionais estão influenciando de forma negativa muitas pessoas, que passam a banalizar coisas que deveriam ser problematizadas, como o racismo, a homofobia e o machismo. Portanto, ao ler tais atrocidades, devemos nos questionar e de modo algum nos calar. ✦

A MANIFESTAÇÃO que restringe a LIBERDADE

Ana Carolina Grimaldi Roso

“Liberdade de expressão que não reconhece o outro como portador dos mesmos direitos é discurso de ódio”. Essa é uma frase de um professor e advogado Alexandre Melo Franco Bahia, que reconhece que a liberdade de expressão é o direito que consiste em cada homem poder se expressar livremente enquanto os membros da sociedade desfrutam dos mesmos direitos que ele. Já o discurso de ódio ocorreria quando a manifestação desse portador promove a intolerância contra outrem. Entretanto, muitas pessoas utilizam a internet como o meio mais acessível para expressar suas opiniões, rebaixando outros usuários. É possível definir quando a liberdade de expressão acaba? Existe uma barreira?

A liberdade de expressão faz parte dos direitos humanos, localizando-se no artigo XVIII: “toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular”; e no artigo XIX: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informação e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. Talvez, então, uma mensagem que discrimina e ignora limites éticos, morais e sociais possa ser considerada crime contra os direitos humanos.

Podemos tomar como exemplo aquele famoso chavão “a sua liberdade acaba quando a minha começa”, que retrata o discurso de que a liberdade con-

siste em poder fazer tudo aquilo que não prejudique outrem: “assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não têm por limites senão os que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos limites” é um trecho retirado da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789.

Atualmente, podemos utilizar a internet como um refúgio para publicar discursos e nos expressar livremente. Todavia, devemos levar em conta que diminuir outrem por trás da tela do computador não empoderará ninguém. Claro que podemos considerar a liberdade de expressão como o direito de manifestação de opinião de cada um, sem o medo de censura, porém, os discursos de ódio promovem a discriminação, a hostilidade e a violência, ultrapassando os limites éticos, morais e sociais.

Em suma, acredito que haja uma barreira que limita a liberdade de expressão, separando-a do discurso de ódio. De acordo com diversos artigos da Declaração dos Direitos e Deveres do Homem e Cidadão, além da existência da ética e moral na nossa sociedade, podemos verificar que a partir do momento em que a manifestação de um sujeito deixa de reconhecer que o outro desfruta dos mesmos direitos e o rebaixa, a mensagem deixa de fazer bom uso da liberdade de expressão e parte para um discurso de ódio. Esse fundamento vem do desejo de chegarmos a um convívio mais rico. Sendo assim, como vivemos em uma democracia, ou melhor, em um regime em que há liberdade de associação e expressão, o direito da discussão, desde que sem discriminação, hostilidade e violência contra o outro, é essencial na busca da verdade e do conhecimento. ✦

Qual o limite entre a LIBERDADE DE EXPRESSÃO e o discurso de ódio?

Sofia D. Belinky

"O seu direito acaba quando o do outro começa". É uma frase que já ouvi muitas vezes durante minha vida. Como todos sabem, possuímos o direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 de expressarmos nossas opiniões, pensamentos, ideias e convicções. Mas até qual ponto as pessoas devem exteriorizar seus pensamentos individuais? Será que esse direito de expressão deve ser mantido até em situações nas quais o outro está sendo inferiorizado? Para mim, a resposta para essa questão seria "não". A partir do momento em que esse direito passa a ser utilizado para inferiorizar ou discriminar o outro, se forma um discurso de ódio, podendo muitas vezes "vir disfarçado" como a liberdade de expressão.

É muito importante ter clara essa linha entre o direito de expressão de ideias e o abuso dele. Hoje em dia, podemos, através das mídias sociais, em segundos atingir um enorme número de pessoas e, dependendo do conteúdo publicado, como assuntos polêmicos que poderiam estar retratando, por exemplo, sexualidade, política e etnia, influenciar e despertar movimentos de ódio, pregando assim apenas um ponto de vista, o do autor, sem pensar nos direitos de outrem.

Desta forma, o seu direito de expressão pode ser utilizado tanto como uma "ferramenta do bem" quanto como uma forma de marginalizar, julgar e criticar o "desconhecido", aquele no qual você não se enxerga, portanto, o outro.

Há quem diga que a liberdade de expressão pode causar manipulação das massas; dessa forma, seria válido existir um controle dos meios de comunicação e informação, por exemplo: censura da internet na China, ou da imprensa na Rússia.

Porém, num país onde não haja suficiente educação da população, a manipulação de opiniões pode ocorrer mesmo através de algum meio de comunicação/informação dominante, criando correntes ideológicas radicais que podem corresponder a uma realidade distorcida.

A partir do que foi mencionado anteriormente, posso concluir dizendo que a liberdade de expressão é fundamental para qualquer sociedade moderna, porém, ela pode ser utilizada de forma a distorcer fatos e induzir muitas pessoas a conclusões precipitadas, preconceituosas e falsas, fomentando um discurso de ódio, cujo propósito é oprimir e rebaixar, ferindo a dignidade humana, e portanto, infringindo um dos fundamentos principais da Constituição. ✦

A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER³ na publicidade

Fernanda Tito

Vai verão, vem verão"... Essa frase é usada em uma propaganda de cerveja, na qual uma mulher dentro de certo padrão de beleza fica servindo os homens. Discursos utilizados na publicidade, como este, só comprovam que as propagandas são veículos de objetificação da figura feminina. As empresas usam o corpo da mulher hiperssexualizado para obterem mais lucros e para conseguirem mais sucesso e atenção com suas propagandas, já que vivemos em uma cultura totalmente machista, na qual a mulher tem imagem de objeto e de submissão em relação ao homem. Isso mostra o fato de a economia transformar tudo e todos, especialmente as mulheres, em mercadorias. Com a priorização do lucro, muitos valores do ser humano são perdidos.

Quando falamos sobre objetificação da mulher, estamos nos referindo ao fato de tratar-se a mulher como um objeto, ou como uma mercadoria, sem dar importância a outros aspectos que a definam como indivíduo. Lidar com o corpo feminino como objeto é uma herança patriarcal, na qual as mulheres servem para satisfazer homens.

Essa objetificação atinge as mulheres desde jovens, começando pelo fato de a publicidade criar padrões, principalmente de beleza, para a figura feminina. Grande parte dos conteúdos dos quais as mulheres participam passam por edições fotográficas, de forma que todas as "imperfeições" sejam tiradas. Essa ideia - de "imperfeição" - foi construída pela mídia e se refere às celulites, estrias, etc, que são coisas super normais presentes no corpo feminino. As medidas geram grande busca de aceitação pelas mulheres para se encaixarem no padrão, o que pode acarretar na utilização de métodos não saudáveis para emagrecer ou obter músculos ou até levar à depressão, pelo fato de elas quererem fazer parte desse padrão de beleza.

Como as propagandas fazem parte do nosso dia a dia, elas acabam incentivando muitos meninos e homens a tratarem as mulheres como elas são expostas na publicidade. Por conta disso e pelo fato das propagandas colocarem a figura feminina em submissão ao homem, acontece aumento nos casos de abusos sexuais, físicos e psicológicos. As propagandas deixam bem claro o fato de a sociedade colocar a mulher em submissão ao homem, e podemos perceber isso, por exemplo, ao olhar uma revista de decoração, na qual a maioria das propagandas de produtos como lençóis tem uma mulher vestida sensualmente como foco, enquanto os homens que aparecem se encontram vestidos formalmente.

Por outro lado, usar a mulher como um objeto sexual nas propagandas ajuda a gerar mais vendas e mais lucro, pois vivemos em uma sociedade machista, na qual, em uma propaganda de chuveiro, por exemplo, uma mulher quase nua chama muito mais atenção do que apenas uma foto do produto. Entretanto, colocar a mulher como objeto sexual causa muitos problemas, principalmente para as mulheres.

Em suma, podemos perceber o quanto a publicidade influencia e incentiva a cultura machista, e as propagandas são provas disso, pelo fato de colocarem a mulher sempre como objeto sexual dos homens. Isso mostra o machismo relacionado à esfera econômica, pois além da mulher ser objetificada, ela é transformada em mercadoria, assim como quase tudo na nossa sociedade, já que seus valores são totalmente perdidos para as empresas conseguirem vender mais produtos e gerar mais lucro. Por isso, medidas devem ser tomadas para evitar que a exposição da figura feminina como objeto seja feita dessa forma; devem ser criadas leis que limitem e regulem a objetificação do corpo feminino. ✦

Atendimento a mulheres que sofreram

ABUSO SEXUAL

Luara Dezordi

Dor em dobro, é o que a maioria das mulheres estupradas passam em sua vida. O mau atendimento a elas é enorme. Mesmo mulheres que vão à delegacia especializada podem ser mal atendidas. Quem passa por esse tipo de agressão acaba sofrendo fisicamente e psicologicamente e geralmente desenvolve algum tipo de quadro depressivo, ansiedade e outros distúrbios. Além de passar por esse trauma, quando a pessoa procura ajuda para resolver o problema acaba vivendo outra agressão; isso porque o policial, por exemplo, diz: “você deveria estar com uma roupa provocante para que isso acontecesse”; “não sei como posso te ajudar se não me der mais detalhes sobre o ocorrido”; “você não deveria estar andando sozinha...” e por aí vai.

Certa vez, foi relatado a um blog o caso de uma mulher que passou por essa experiência: sua amiga foi abusada pelo namorado e as duas juntas foram à delegacia de acolhimento à mulher, que foi criada para que as mulheres não se sentissem desconfortáveis em fazer Boletim de Ocorrência (B.O.) do ocorrido. Ao chegarem, a vítima e sua amiga foram atendidas por um investigador na triagem que, na recepção mesmo, perguntou a elas o que tinha acontecido, sem nenhum acolhimento e privacidade.

Em outro relato, um grupo de bolivianas se dirigiu à delegacia para realizar o B.O.; contudo, a escrivã não falava espanhol e não teve paciência para tentar entendê-las. Voltaram com uma amiga que falava espanhol e português e podia traduzir, pois a escrivã não se esforçara para compreender e se recusara a fazer o boletim de ocorrência.

Lendo outro depoimento, fiquei chocada e tive até que dar uma pausa para continuar a leitura. Ao longo do texto, fui ficando cada vez mais perplexa com o que havia acontecido a garotas que, após um abuso, quando finalmente se dirigiram para dar o depoimento, ouviram da escrivã que a agressão que o sujeito cometera não era crime. Mesmo conhecendo a lei, ela se recusava a escrever exatamente o que a amiga havia dito, mudando fatos e suavizando o ocorrido. Esse evento foi apenas um dos muitos que acontecem ao redor do país e do mundo.

A violência contra a mulher é algo alarmante em todo lugar. Não basta existirem instituições nas quais as mulheres possam procurar por ajuda, o local precisa ter estrutura para recebê-las e precisa funcionar, sem que elas sofram novamente. Já é difícil uma mulher ter coragem para fazer B.O.; sofrer descaso e ataques à sua integridade é ainda mais humilhante. ✦

Lugar de

MULHER

é onde ela quiser

Maria Fernanda Saraiva

Lugar de mulher é na cozinha. Apesar de essa frase soar muito absurda para muitas pessoas no contexto atual, infelizmente devemos ser realistas e perceber que ela continua muito forte em nossa sociedade. Desde pequenos, somos ensinados de maneira sexista que há tarefas e produtos direcionados para homens ou para mulheres.

Atualmente, um problema que incomoda grande parte das mulheres é como são tratadas quando vistas em nichos monopolizados por homens. São vistas de uma maneira diferente, desacreditadas, não são levadas a sério... e estar nessa posição é extremamente desconfortável. Já estamos tão acostumados que muitas vezes não percebemos a falta da figura feminina. Isso é, por exemplo, extremamente presente no futebol, o que se encaixa tanto na questão profissional quanto para aquelas que gostam apenas de assistir.

Você já passou pela TV e percebeu que não havia nenhuma partida de futebol feminino sendo transmitida? Às vezes, nem nos damos conta desse tipo de coisa ou achamos que é apenas uma coincidência. Os canais mais famosos, por exemplo, compram de 10 a 15 jogos de 140 do Brasileirão Feminino, enquanto que, do Campeonato de Futebol Masculino, transmitem o total, 380 jogos. Se isso não quer dizer nada para você, algo está errado.

Nossa Copa Vera é um exemplo que está muito próximo de nós: nos jogos masculinos, a arquibancada é cheia, já no feminino, não é bem assim. E um jeito de começarmos a mudar isso é dando audiência e compartilhando para que outras pessoas também assistam e assim, quem sabe, o papel das mulheres seja levado mais a sério.

Vamos pensar agora em nossas casas, ou em pessoas próximas a nós. Provavelmente, há uma pessoa que costuma limpar a casa, arrumar as camas, lavar a louça, em suma, fazer as tarefas domésticas. Essa pessoa é uma mulher? Acredito que a resposta seja "sim". Esse tipo de coisa não é à toa. Muitas pessoas estão presas em pensamentos de 100 anos atrás, grande parte dos homens acham absurdo que a mulher não mantenha a casa em ordem, não podemos ir para um bar e ficar bêbada, porque não é comportamento de uma mulher...

Esses são alguns exemplos dos pensamentos machistas que estão enraizados. Percebeu que a mulher tem um lugar? Acredito que, para sairmos desse tipo de pensamento, precisamos ser mais críticos. Constantemente, pensamos em coisas machistas, mas ao invés de apenas aceitar que pensei algo do tipo, devo ir atrás de entender o porquê de isso estar errado, e tomar cuidado para que não se repita. Outra coisa que podemos fazer é chamar a atenção quando isso acontece com outra pessoa, alertá-la. Muitas vezes, ficamos receosos de falar alguma coisa, mas é extremamente importante que isso seja feito, não importando se se trata de um desconhecido ou alguém muito próximo; a diferença está em como falamos.

Quando somos crianças, as meninas ganham bonecas e roupas rosas e os meninos skates e roupas azuis, e crescemos achando que isso não pode ser invertido. Por que privamos as pessoas de escolher o que elas querem? Não é nada comum vermos um menino usando um vestido. A menina cresce em quartos cor de rosa, em roupas cor de rosa, com brinquedos cor de rosa, o mais natural é que elas passem a assimilar que aquela cor é o ideal para elas. Essa é uma estereotipagem de gênero que prejudica a escolha e a liberdade da criança.

Pode-se dizer que, apesar de as meninas comprarem mais roupas, gostarem mais de rosa, isso não significa que é imposto a elas, é apenas uma coisa que acabam preferindo por verem suas mães e terem isso como referência. Mas, na verdade, trata-se sim de algo imposto, e isso causa. Com meninos se dá o mesmo: vão se sentir estranhos se gostarem da cor rosa, vão inclusive ser recriminados pelos pais se pedirem um brinquedo ou roupa naquela cor. Há uma ideia de que se o menino usar rosa será homossexual.

Por fim, pode-se concluir que as coisas não são assim por uma coincidência. Temos uma permanência histórica que vem resistindo muito às desconstruções. Temos que começar a olhar mais e falar sobre a presença das mulheres, ou a falta dela, nos lugares destinados a homens. Não é fácil mudar essa situação em virtude de serem coisas, às vezes, tão pequenas que não interferem diretamente no nosso dia a dia, mas quando pensamos em uma sociedade, faz a diferença. ✦

CÓDIGO DE VESTIMENTA

em escolas prejudica o futuro dos alunos?

Bruna Tito

“Cobre esse ombro menina!” Regras como essa de cobrir o ombro são praticadas em escolas que utilizam norma de vestimenta para coordenar seus estudantes com objetivo de melhorar a sua vida escolar. Porém, podemos garantir que isso faz bem aos estudantes e seus futuros? Como isso afeta a mentalidade da futura geração e da sociedade? Afinal, a norma de vestimenta é aplicada mais às meninas do que aos meninos e pode estar contribuindo para a cultura do estupro. Assim, é preciso debater sobre o efeito da norma de vestimenta na sociedade.

Um dos motivos pelos quais podemos considerar que código de vestimenta prejudica o futuro dos alunos é que os meninos acabam achando que meninas que usam roupas “vulgares” e estão querendo a atenção deles. “Menina que usa minissaia está pedindo para ser agredida”, alguns dizem. Logo, o futuro dos meninos pode ser prejudicado por serem eles ensinados a julgar pela roupa, o que acaba criando preconceitos.

Discursos dos coordenadores das escolas, muitas vezes, vão contra as meninas e as deixam inseguras. Em suas falas, muitos coordenadores dizem que as alunas não podem usar roupas que vão “distrair” os meninos e que, se as usarem, serão retiradas de sala, ou seja, perderão aula por causa dos rapazes que, supostamente, não conseguem se controlar. Por exemplo, Lizzy Martinez, de 17 anos, aluna de *Braden River High School* nos Estados Unidos, foi reprimida pela sua escola por não usar um sutiã, pois tinha se queimado no sol. Logo, ela foi retirada de sala para falar com o coordenador, que disse a ela que todos

os meninos estavam “olhando e dando risada”, e por isso ela teve que colocar uma camiseta por baixo para cobrir seus seios. Isso atrapalha os estudos das alunas e contradiz o objetivo da escola, que é expandir o conhecimento.

Pode-se dizer que o código de vestimenta mantém a cultura machista na sociedade e aumenta a taxa de abusos. O homem que cresceu ouvindo que certos tipos de roupas não são adequados para uma menina usar acaba achando que pode abusar de uma menina porque ela está usando roupas chamativas.

As pessoas que são a favor do código de vestimenta geralmente justificam-no dizendo que a escola não é lugar para usar roupas “escandalosas” e que a norma de vestimenta apenas protege os alunos. Simplesmente, não seria necessário mostrar seu corpo na escola, por exemplo usando um *cropped* de uma banda que você gosta, afinal, qual seria a necessidade de mostrar a barriga?

Porém, a escola é lugar de aprendizagens e crescimento, e os alunos se descobrem na escola, inclusive o seu estilo e sua sexualidade. Em virtude disso, é preciso deixá-los expressar seu estilo, pensamentos etc.

Em suma, depois de considerar todos os motivos pelos quais o código de vestimenta nas escolas prejudica a futura geração, percebe-se que é um absurdo que alunas (especialmente), sejam obrigadas a perder aula por cultivarem seu estilo ou simplesmente por usarem roupas com as quais elas se sentem confortáveis. Por isso, sou contra o código de vestimenta na escola e acredito que, para termos um futuro melhor para os estudantes, é preciso banir essas regras. ✦

INDÚSTRIA DA MODA:

quando é recreativa e inspiracional e quando passa a ser prejudicial

Marina Grinberg

A indústria da moda, principalmente a feminina, além de servir como forma de expressão usada por aqueles que a acompanham para manifestar seus estilos, também é a principal ferramenta usada para moldar qual é a medida perfeita, qual altura é considerada a melhor, como você fica bonita ou bonito conforme o jeito com que você se veste, maquia e arruma o cabelo. Isso acaba estimulando um padrão ditatorial àqueles que fazem uso da moda no dia a dia, ou seja, todos nós.

Um bom exemplo desse padrão é o fato das marcas não investirem em modelos gordas e baixas; ou, como quer a indústria, sem o corpo perfeito. Considere-se que 60 kg é um peso “limite”; a altura mínima é de 1,75 metros e a medida máxima para o quadril de uma modelo é de 89 cm, enquanto a média do quadril de uma mulher brasileira é de 102,1 cm.

A moda, nos últimos tempos, tem levado muitas mulheres à beira da anorexia. E as marcas se mostram tão a par disso que estabeleceram um limite mínimo de massa muscular para as modelos poderem subir às passarelas sem que sejam acusadas de estimularem distúrbios alimentares. Isso, além de ser doentio, apenas reforça os problemas que podem se seguir tanto

para as próprias modelos, tentando manter a forma, quanto para os seguidores, que veem aquilo como uma base de estilo estético a ser seguida.

Mesmo que as marcas de roupa aleguem combater distúrbios alimentares, querendo ou não, por exigirem certos limites fazem com que as modelos tentem alcançá-los. É comum que, para atingirem o padrão desejado, as modelos se submetam a dietas rigorosas com baixíssimo consumo de carboidratos, passem fome e cheguem a se “alimentar” de algodão e água, para que a fibra aumente de tamanho e cesse sua fome. De maneira alguma essa saída se mostra como algo positivo, uma vez que afeta não somente a saúde, mas também a integridade mental das submetidas.

Ao mesmo tempo em que esse padrão afeta as modelos, as pessoas que acompanham a moda, ou seja, todos, são atingidos igualmente. Essa indústria, desde o princípio, induz seus seguidores a se basearem nas próprias modelos para criarem uma ideia do que seria o ideal e o perfeito para os corpos, cabelos, unhas, peso, etc., e passam a transmiti-la ao público para que este possa ter um estilo de vida similar ao das modelos.

A desculpa, esfarrapada a meu ver, dada pelas indústrias que exploram esse tipo de padrão é o fato de ser mais bonito ver uma mulher ou homem

magros e altos desfilando em uma passarela do que pessoas baixas e acima do peso. As roupas não são idealizadas para “essas” pessoas, pois devem vestir perfeitamente e, assim, as curvas naturais precisam ser evitadas, de forma a deixar a vestimenta o mais apresentável possível.

Para aqueles que usam essa desculpa, seria necessário lembrar que, além de afetar a saúde mental daqueles que escutam coisas absurdas como estas e são inseguros com o próprio corpo, essas afirmações contradizem o foco e a direção que a moda deveria ter. A realidade da nossa sociedade e das pessoas do mundo como um todo não é de corpos perfeitos, grandes estaturas e medidas consideradas ideais. A moda, em seu princípio, está disponível para inspirar os seguidores e servir como uma base de criação de estilo individual de cada um com as próprias medidas. A partir do momento em que ela se torna

um padrão a ser seguido e não representa seu consumidor, para que ela pode servir?

Por fim, acredito que possa existir uma moda que sirva para nos transmitir confiança, senso de estilo e tendências, além de outros aspectos positivos que essa indústria costuma exibir ao público. Sem os devidos cuidados, uma coisa que deveria ser recreativa pode se tornar uma imensa dor de cabeça para todos, estimulando inseguranças, motivando distúrbios severos e trazendo possíveis riscos à saúde. Inevitavelmente, no mundo em que vivemos, esse padrão já está fixado, de forma que demoraria muito para apagá-lo da sociedade, mas um aspecto importante a se ressaltar é que cada um tem sua beleza, seja ela interior ou exterior, e independentemente do que esse padrão ditatorial exija, devemos continuar autênticos, mesmo sendo esta uma das tarefas mais difíceis que há. ✦

Mulheres na POLÍCIA

Barbara Soares Ferreira

Como as mulheres agem dentro da polícia, uma instituição predominantemente masculina e machista? A polícia sempre foi uma instituição onde os homens predominaram. Porém, isso vem mudando e as mulheres tomam cada vez mais espaço, trabalhando de igual para igual e até melhor que os homens. Quebrar o preconceito e o machismo não é fácil e é importante e interessante entender como as policiais femininas agem nessa instituição.

As mulheres tomam, diante de qualquer que seja a situação, um posicionamento mais criterioso. Na polícia, isso evita uma série de problemas e agressões nas abordagens, contribuindo em diversos aspectos para a instituição. Um dado que comprova isso é o crescimento e o fortalecimento da polícia na parte assistencial e na operacional, como mencionado pelo Coronel Zaquie Barbosa em homenagem às policiais: “Pois tenho certeza da capacidade que todas possuem, nas mais diferentes formas de atuação e conduta, seja na área administrativa seja na operacional. Você, mulher, policial militar, dedicada, empenhada, focada, compromissada com esta instituição faz parte da história da nossa Gloriosa. Pois a sua presença e o seu trabalho diário contribuíram para com o crescimento e fortalecimento da nossa instituição”. Esse crescimento e fortalecimento ajudam em operações e na administração da instituição e deixam claro que as mulheres não podem ser, e, atualmente, não são, mais diferenciadas na polícia, isto é, executam o seu trabalho da melhor forma possível.

Ser policial já foi uma profissão só para homens, mas hoje, seguir essa carreira também é uma escolha das mulheres, pois ao longo dos anos elas perceberam que muitas profissões podem e devem ser exercidas por elas, como conta a Soldado PM Juliana Ferraz: “Quando criança, admirava muito meu pai, que fazia parte do Regimento 9 de Julho (cavalaria), em São Paulo. Achava lindo o respeito e a admiração que a farda causava nas pessoas”.

Esse respeito e admiração às policiais e aos policiais da instituição não se deve somente à farda que é usada, mas também à luta e superação das policiais femininas, que adquirem qualquer cargo que quiserem dentro da polícia. Um exemplo disso é a quantidade de mulheres espalhadas pelas diferentes áreas da instituição. No 50º Batalhão de Polícia Militar de Itu, elas são em dez mulheres, espalhadas em diversos setores e até na força tática. Já no estado de São Paulo, segundo a assessoria de Imprensa da Polícia Militar de São Paulo, há 9.067 mulheres trabalhando como policiais. Elas ainda são a minoria dentro da Corporação, mas há um grande número de mulheres na Polícia Militar do estado. Já estão há 55 anos na Instituição e há várias oficiais femininas e coronéis (o posto mais alto da Polícia Militar), como a Coronel PM Fátima Ramos Dutra, do Comando de Policiamento do Interior – 7, em Sorocaba, que comanda 79 municípios da região e, por consequência, milhares de homens.

Devemos lembrar que em poucos casos as policiais femininas têm má conduta por ter um tipo de comportamento agressivo, como em uma abordagem em que o comando da polícia investigou dois PMs flagrados agredindo três adolescentes em Cerquilha (SP). Durante a abordagem, o policial revista os rapazes, enquanto a colega dá chutes e tapas. As três vítimas fizeram exame de corpo de delito e prestaram depoimento na delegacia da cidade.

Porém, não podemos afirmar que todos os policiais possuem um comportamento desse tipo. Sendo policiais, o objetivo é o combate ao crime, e é necessário tomar as devidas providências para o afastamento dos policiais de seu trabalho.

De qualquer forma, é muito importante e interessante ter uma ideia do posicionamento e da luta das mulheres policiais dentro dessa instituição, e é necessário que essa luta continue dentro e fora da polícia, já que, infelizmente, o machismo e o preconceito, mesmo sendo menores do que antigamente, ainda são bem presentes e precisam ser combatidos. ✦

Licença

PATERNIDADE

Luiza Pereira

Desde que a licença paternidade foi criada, ela é escassa. Isso demonstra uma marca do machismo, na qual apenas as mulheres cuidam de seus filhos. No entanto, a licença vem sendo ampliada à medida que as mulheres estão conseguindo direitos equiparáveis aos dos homens.

A licença maternidade foi criada para o repouso da mulher que deu à luz e também para que esta pudesse cuidar de seu filho. Já a licença paternidade foi criada apenas para que os homens pudessem registrar seus filhos no cartório, consistindo em apenas um dia. No entanto, uma emenda da constituição de 1988 passou a prever cinco dias aos pais recentes.

Hoje em dia, existem países que concedem uma licença paternidade muito acima do máximo liberado ao brasileiro, como a Coreia do Sul: 52,6 semanas; o Japão: 52 semanas; e a França: 28 semanas. Contudo, os pais não recebem salário integral durante esse tempo, tendo a opção de escolher entre cuidar dos

filhos ou trabalhar e ganhar seu salário completo.

Outra coisa que demonstra o machismo na sociedade brasileira é que, tendo a ex-presidente Dilma Rousseff sancionado uma lei que aumenta a licença-paternidade de cinco para vinte dias, começando a valer apenas em janeiro de 2017, nem todos os trabalhadores têm direito ao período maior, apenas os que são funcionários de locais que fazem parte do Programa Empresa Cidadã. Dessa forma, o homem não tem a escolha de cuidar ou não de seus filhos nos primeiros dias do nascimento, mas sim sua empresa é que tem o direito de conceder a licença ou não.

Do ponto de vista econômico, aumentar a licença custaria o equivalente a 0,009% da arrecadação federal, ou seja, R\$ 99 milhões por ano. O impacto seria mínimo, comparado aos benefícios causados. O aumento do tempo da licença para os pais recentes seria muito vantajoso não apenas para estes, mas também para que tivéssemos uma sociedade mais igualitária e justa. ✦

Reforma

TRABALHISTA

Eduarda Martins

A reforma trabalhista é um projeto de lei que pretende alterar uma centena de artigos da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), o que implica em drásticas mudanças para o modo de vida do trabalhador brasileiro. Até que ponto essa mudança ajudará nossa economia e o quanto afetará a questão social no Brasil? Para conseguir compreender melhor o que essa reforma significa para o nosso país, precisamos, primeiramente, analisar a situação em que nos encontramos atualmente.

Nos últimos anos, têm ocorrido muitos desvios de verbas públicas, incriminação de políticos, lavagem de dinheiro, abuso de poder, pagamento de propinas, dentre outros acontecimentos que representam um governo repleto de corrupção e uma prova de que há muito tempo o dinheiro tem sido mal encaminhado. Quando levamos em consideração o fato de que a reforma trabalhista visa a atender as demandas econômicas do país, é incoerente que não tenhamos uma política adequada para o encaminhamento dos fundos. Portanto, não temos certeza de que essa reforma nos trará benefícios econômicos.

Além disso, existe uma grande massa de trabalhadores insatisfeitos com as novas leis aprovadas por conta do aumento da quantidade de horas extras determinadas, a flexibilidade de horas de descanso e muitos outros artigos que provocaram dissabor na população brasileira. Ainda, as convenções de acordos poderão prevalecer sobre a legislação, de forma que os sindicatos e as empresas podem negociar condições de trabalho diferentes das previstas em lei, mas não necessariamente num patamar melhor para os trabalhadores.

Em contrapartida, pode-se pensar que a diminuição dos gastos públicos pode ajudar no PIB (Produto Interno Bruto) e pode ser vantajosa se pensarmos em questões orçamentárias; entretanto, não se deve ocultar o problema social do país. Para melhorar a economia é necessário, primeiramente, um melhor direcionamento do dinheiro já existente.

Por fim, podemos concluir que por mais que a reforma trabalhista seja benéfica em alguns pontos, com certeza não compensa as consequências sociais que trará atreladas a si. ✦

A paralisação por uma

CAUSA MAIOR

Marina Cecco

A paralisação dos professores das escolas particulares de São Paulo ocorrida no final do primeiro semestre de 2018 deu-se por estes não estarem de acordo com as propostas feitas pelo sindicato patronal. Foram propostas modificações nos direitos dos docentes e o fim de certas garantias.

Entre outras mudanças, haveria modificação no sistema de férias; diminuição do recesso; diminuição de bolsas obrigatórias; e a possibilidade de negociação de um “novo” salário. Todas contribuiriam para a piora da educação particular do país.

A discordância que os professores apresentaram em relação ao sindicato patronal estava relacionada diretamente com a alteração desses direitos, considerados privilégios por alguns. Porém, as propostas das modificações dos direitos dos professores implicam em todo o desempenho da educação, o que resulta na piora da qualidade dos ensinamentos.

Tomemos como exemplo a duração do recesso. Atualmente, este é de 30 dias, mas o sindicato patronal queria mudar para 23 dias, de forma que o período que servia para o professor fazer o planejamento do novo ano letivo que viria a começar fosse insuficiente. Recesso não é férias. Os professores ainda trabalham, mesmo que não indo à escola todos os dias. O trabalho do professor vai muito além de assinar presença na escola.

Além disso, uma das mudanças propostas pelo sindicato patronal era a diminuição salarial. Atualmente, esta é proibida, as escolas não podem diminuir o salário do professor sob nenhuma circunstância, seja esta a diminuição de matrículas ou qualquer outra razão. Com a mudança, as escolas passariam a poder fazer acordos independentes com os funcionários sobre seus salários, o que seria desvantajoso para o trabalhador, porque o empregador sempre se encontra em uma posição privilegiada de negociação. Haveria também a modificação do direito a bolsas, que passaria a ser apenas uma ao invés de duas, como ocorre hoje.

Em contrapartida, há quem acredite que uma greve serve apenas para a manutenção de privilégios; e que levaria, na prática, à perda de aulas pelos estudantes. Mas será que a perda desses dias de aula não vale a pena para a manutenção da qualidade do ensino como um todo?

Por esses motivos, a maioria dos profissionais educadores se opôs às medidas propostas pelo sindicato patronal, acreditando que elas levariam à piora da educação. Essa luta resultou no adiamento de um ano para a colocação da proposta prática. Temos, assim, um ano até as próximas manifestações do movimento de resistência dos professores. ✦

Deve-se protestar contra a perda dos direitos dos PROFESSORES?

Antonio Losada Totaro

Os professores das escolas particulares de São Paulo, nos meses de abril e maio de 2018, fizeram paralisações para protestar contra a perda de seus direitos. Será que é necessário paralisar as aulas para protestar? Sim, pois todas as formas de protesto são válidas quando o que está em jogo são conquistas de uma classe de trabalhadores tão importante e já tão desvalorizada quanto a dos professores.

Um pai de alunos disse em entrevista concedida à revista *Veja*: “Nessas duas escolas dos meus filhos, os direitos já foram assegurados pela direção, mas agora nós, pais e professores, temos de lutar para garantir que o restante da categoria também os tenha.” E isso está totalmente correto, já que nada garante que os professores que atuam hoje continuarão nas escolas em que trabalham atualmente, e que professores novatos tenham direitos tão importantes garantidos.

O apoio dos alunos também foi fundamental. Nos dias em que houve paralisação, os alunos também foram às ruas protestar a favor dos professores.

As manifestações aconteceram no Museu de Arte de São Paulo e em frente a escolas que não paralisaram, tais como Dante Alighieri, Móbile, Bandeirantes e outras. A maioria dos alunos diz protestar por conta da atitude de escolas, não permitindo que seus professores fossem às ruas, e algumas não permitindo nem falar no assunto.

Para alguns alunos e pais, é inadmissível deixar de dar aula para protestar, ainda mais quando já se têm seus direitos protegidos por suas escolas. Alguns acusam os professores de falta de consideração com os pais e alunos, dizendo que quem quiser se manifestar deve fazer isso apenas de sábado ou domingo. Mas do que adianta você se manifestar sem a força de todos juntos?

Portanto, é muito importante que os professores parem, por um dia que seja, para mostrar sua força e provar que esses direitos têm que ser mantidos. E se for necessário parar mais tempo, que parem, já que estão querendo rebaixar mais ainda uma das profissões mais importantes que existem. ✦

Deve haver

ENSINO RELIGIOSO nas escolas?

Marina Gurman

O ensino religioso sempre foi muito questionado e polêmico, já que muitos não concordam com a maneira com que este é exercido. Quando esse tipo de conteúdo é fornecido nas escolas, gera muita influência na vida dos estudantes, que passam a ter a religião como um “modelo a ser seguido”. Os alunos, principalmente os que ainda estão se desenvolvendo e não possuem amadurecimento, podem passar a acreditar em tudo que é transmitido por este ensino, e que o que é transmitido é a única realidade existente, já que a religião trabalha com dogmas, pregando seus conhecimentos como uma verdade absoluta. Temos então que nos questionar se esse ensino deve existir nas escolas. E se sim, temos que rever a maneira segundo a qual ele é feito, pois isso causa muita influência no desenvolvimento de cada aluno.

Para existir ensino religioso, é necessário organizar uma grade para aqueles alunos que não queiram participar dessa atividade, já que ela não é prevista por lei como obrigatória. Além disso, esses alunos que se recusam a participar das aulas de religião não podem ficar na escola sem realizar uma atividade com objetivos pedagógicos.

Também, o professor responsável por oferecer esse ensino não deve impor seus credos aos estudantes nem agir de maneira preconceituosa. Um exemplo dis-

so é a prática de candomblé. Segundo o UOL, um aluno praticante de candomblé relatou que sofreu bullying após aula com leitura da Bíblia. As provocações começaram após o jovem se recusar a participar de orações e da leitura da Bíblia durante as aulas de história, ministradas por uma professora evangélica. Dessa forma, pode-se dizer que é comum ocorrer esse tipo de preconceito dentro das salas de aula com pessoas que estabelecem uma crença diferente da dos demais.

Outro fato que deve ser considerado ao se pensar na existência do ensino religioso nas escolas é a diversidade dos grupos religiosos. Somos um país plural, onde 64,6% da população se declara católica, 22,2% evangélica, 2% espírita, 3% praticante de outras religiões e 8% sem religião (dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE). Sendo assim, devem existir grupos distintos nesse ensino, mostrando-se a diferença entre as opiniões e não fornecendo apenas um “modelo” que se diga capaz de chegar a uma verdade absoluta.

Em contrapartida, vale ressaltar que a religião faz parte da evolução do ser humano. Ela é parte da cultura da sociedade como um todo. Dessa forma, pode-se dizer que, quando a religião é ensinada nas escolas, ela pode trabalhar valores como respeito ao ser humano, ética, etc. Com isso, os alunos passam a ter uma noção diferente das coisas, valorizando mais a vida e as relações, desenvolvendo-se como pessoas e evoluindo como seres humanos.

De qualquer forma, pode-se concluir que o ensino religioso pode gerar problemas porque é capaz de levar os jovens a tomarem seus dogmas como modelo e verdade absoluta, principalmente daqueles que estão em amadurecimento e não possuem senso crítico sobre as coisas, alterando suas percepções de realidade e fazendo-os acreditar cegamente no que é imposto por esse ensino. Caso ocorra a existência desse ensino nas escolas, é necessário um remanejamento, modificando sua proposta e a forma segundo a qual ela é transmitida aos alunos, tentando incluir todos os estudantes e grupos religiosos existentes. ✦

Qualidade da

EDUCAÇÃO PÚBLICA

Helena Pimentel

brasileira hoje

"No Brasil, a desigualdade está ligada à infraestrutura da educação". Essa frase foi dita por Daniel Cara, coordenador-geral da campanha nacional pelo direito à educação. São muitos os problemas encontrados na educação pública brasileira atual, tendo como consequência péssimos resultados.

Praticamente todos os indivíduos que atuam na educação possuem condições muito ruins para exercer seu trabalho. Profissionais e alunos têm problemas como receberem baixos salários, ficarem extremamente frustrados com as condições cotidianas, com os pais dos alunos não participando da educação dos filhos, entre outros agravantes. Além de que o governo deveria se mobilizar e investir muito mais nesse assunto, podendo aumentar grandemente o potencial do Brasil.

Praticamente todos os impostos recolhidos são utilizados para diversas outras funções, podendo elas nem ter uma importância tão significativa. Muito raramente esse dinheiro é direcionado para escolas públicas ou para a educação em geral. O governo faz o mínimo do mínimo para classes consideradas inferiores ou de baixa renda terem seus direitos ao desenvolvimento, sendo elas prejudicadas por conta da péssima infraestrutura educacional do nosso país. Por isso, muito indivíduos que não possuem dinheiro suficiente para pagar sua vida escolar e que poderiam ter um grande potencial em alguma área profissional acabam indo por maus caminhos ou, muitas vezes, gastando suas habilidades com muito menos do que são capazes.

Apesar do baixo interesse do governo em relação à educação, há ao menos um instrumento para avaliar se os alunos atingiram certo conhecimento pertinente a certa idade. Porém, infelizmente, os resultados dessa avaliação são completamente desani-

mados. Por isso, em setembro de 2006, um grupo de empresários e políticos estabeleceu um compromisso "todos pela educação brasileira", prometendo melhorá-la até 7 de setembro de 2022.

Para isso, seria necessário que todos os jovens de 7 a 17 anos estivessem na escola e concluíssem as duas etapas de estudo (Ensino Fundamental e Médio). As crianças teriam de dominar a habilidade de ler até completar seus 8 anos e os alunos deveriam ter acesso a todos os conteúdos correspondentes a sua série.

Alguns dados que retratam os problemas na educação apontam que, hoje, no Brasil, 97% dos estudantes com idade entre 7 e 14 anos se encontram na escola, porém, o restante desse percentual, 3%, corresponde a 1,5 milhão de pessoas menores de idade. Para cada 100 alunos que entram na primeira série de escolas públicas, somente 47 terminam o 9º ano, 14 concluem o Ensino Médio sem interrupção e apenas 11 chegam à universidade. Outro estudo aponta que 49% dos profissionais que trabalham em educação não recomendam a profissão, e que, ainda hoje, encontramos crianças do 6º ano que não são capazes de dominar a habilidade de ler e escrever.

Isso é fruto da estrutura educacional brasileira. As medidas que possivelmente poderiam combater os índices devastadores seriam, primeiramente, a sociedade estar conscientizada em relação ao direcionamento de recursos financeiros, podendo assim transformar as escolas públicas em polos de uma educação decente; outro fator importante seria a valorização do profissional da educação, já que, atualmente, ele é totalmente desvalorizado e injustiçado, passando por grandes frustrações. Por último, deve-se pensar na implantação de medidas educacionais a longo prazo, que deixariam alunos e professores muito mais tranquilos em relação aos seus direitos.

Em suma, pode-se constatar que atualmente estamos passando por tempos difíceis em relação à educação brasileira. Muito dinheiro que poderia ser utilizado para sua melhoria é desviado pelo governo e a situação de escolas públicas acaba ficando muito precária. Um estudo mostra que menos de 1% das escolas brasileiras têm infraestrutura ideal. São muitos os problemas e poucas as mobilizações para tentar corrigi-los. É difícil, mas não impossível! Com a conscientização da população e a garantia de investimento do governo, já teríamos um grande progresso para o nosso país e para a educação em geral. ✦

O fracasso do

SISTEMA PENITENCIÁRIO

brasileiro

Sophia Schuppli

Segundo a lei número 7.210, art. 1 da constituição brasileira, “a execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”. No entanto, não é possível essa harmonização por conta de fatores como: divisão das classes sociais e econômicas, bem como fatores estruturais do sistema penitenciário.

Os escravos africanos mandados em caravelas para servir os senhores no Brasil são os ancestrais de uma grande parcela da população brasileira. Isso pode repercutir como memória na sociedade, refletindo-se em um grande conflito nas classes sociais, de hierarquia e desequilíbrio de oportunidades e poderes, que pode gerando efeitos na porcentagem de presos afrodescendentes, tratados de forma desumana.

Podemos observar que se um homem afrodescendente for preso, será muito mais difamado do que um homem branco, por conta dessa memória histórica. E sabendo disso, pode-se perceber os péssimos frutos colhidos por esse sistema excludente, que foi instaurado no Brasil durante anos. Atualmente, mais que da metade do número de presos é pertencente à raça negra. Segundo o Departamento Penitenciário Nacional (2013), cerca de 54% dos detentos são pretos e pardos.

O ser humano tem o direito de agir com liberdade; porém, se não se adequar às condições da sociedade, precisa ser reeducado, sendo essa a função das prisões. Entretanto, é possível reeducar-se em um ambiente inapropriado? Nosso governo, ao invés de investir nas penitenciárias para que possa haver reeducação, dá prioridade a outras coisas, tais como estádios e centros

olímpicos, utilizados nos anos de 2014 e 2016, muitos abandonados desde então. Esse dinheiro poderia ser utilizado para que não houvesse superpopulação nas penitenciárias, fazendo com que os presos não tivessem que viver de maneira desumana.

Desde muito tempo, o poder pertence às pessoas ricas da população, isso não é diferente no caso de sistema carcerário: quem tem mais poder econômico não pegará uma pena tão grande quanto um quem tem baixa renda, mesmo se tiver cometido o mesmo tipo de crime. Essa situação é desigual e injusta, estando explícita quando vemos muitos políticos que roubam mais do triplo de um ladrão de pequeno fluxo, mas pegam uma pena três vezes menor.

Se alguém for preso, deve pagar pelo que fez. Mas essa é uma forma boa de se aprender? Se o intuito é fazer com que os criminosos aprendam e não cometam mais crimes, não deveríamos torturá-los, pois o resultado se mostra pior. Segundo o ex-ministro da justiça José Eduardo Cardoso: “Quem entra em um presídio como pequeno delinquente muitas vezes sai como membro de uma organização criminosa para praticar grandes crimes”.

Sobre o exposto, podemos concluir que o trecho “proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”, citado na lei número 7.210.art 1, não é cumprido, visto que o regime penitenciário é baseado em um sistema racista e composto por desigualdade nas classes sociais. Deve-se pensar em um futuro com reformas no sistema penitenciário, tornando-o menos suscetível às diferenças raciais, sociais e econômicas. É fundamental também o investimento nas estruturas carcerárias, para que não haja superpopulação nas prisões e para que existam mais recursos para os presos. ✦

A atual situação do COMPLEXO POLICIAL brasileiro

Frederico Levy

Desde que vivemos interagindo uns com os outros, a desigualdade sempre esteve presente, sendo ela usada para facilitar a vida de um indivíduo mais forte, mais inteligente ou mais “alguma coisa” do que outro. Por motivos como este, são aplicados em nossa sociedade sistemas de justiça com o intuito de mostrar igualdade entre seus respectivos membros, perante as leis, eliminando qualquer taxa de criminalidade. Com este propósito, existem pessoas que têm como objetivo assegurar a ordem, a moralidade e a segurança física e patrimonial, sendo elas conhecidas como policiais.

Porém, ao longo do tempo, esse sistema, especificamente do Brasil, foi se corrompendo, pelo fato de que o complexo de justiça brasileiro tem uma íntima relação com a corrupção. A taxa de policiais corruptos foi subindo; entretanto, a taxa de policiais presos continuou constante. Como assim? Segundo as leis, pessoas que as desobedecessem não deveriam sofrer as consequências, como qualquer outra pessoa normal? Pelo jeito não, ao menos em casos de policiais corruptos. Na maioria das vezes, o que ocorre é que na conclusão das investigações, mesmo sendo como corruptos, eles são absolvidos.

Pelo fato de termos uma grande parte de nosso sistema policial pleno de corrupção, nossa sociedade acaba sofrendo com certas consequências, como por exemplo o fato de corrupção gerar mais corrupção, isto é, desta não ocorrer somente na polícia, mas em qualquer espécie de sistema. Basicamente, é uma questão de influência: se uma pessoa fez algo que não era para fazer e seu deu bem, uma outra fará o mesmo para se dar bem também.

Policiais “limpos”, que não têm uma certa conexão com qualquer atividade corrupta veem policiais corruptos se dando melhor do que eles e não sofrendo o que seria devido (possivelmente prisão); assim, na maioria das vezes, ele acaba optando por se tornar corrupto também. Além disso, algo que acaba ocorrendo com constância é a relação entre bandidos e policiais corruptos.

Na maioria dos casos de policiais corruptos, são encontradas apenas evidências na cena do crime policial, não provas, fazendo com que a maioria dos acusados seja absolvida. Porém, será que as investigações responsáveis pela futura vida de um policial suspeito, declarando-o como corrupto, são sérias?

Após investigações e pesquisas mais aprofundadas realizadas pela organização internacional “Human Rights Watch”, conseguimos afirmar que, na verdade, os julgamentos dos policiais são viciados por medo de testemunhas, investigações falhas, poucas denúncias incriminadoras e falsas provas (segundo relatório realizado pela Human Rights Watch, em alguns casos, são criadas falsas provas de tiroteios. Para isso, colocam-se armas nas mãos das vítimas ou posicionam-se drogas na cena do crime como indício de atividade criminosa.

Por fim, consigo afirmar que pelo fato de nosso sistema de justiça exercer uma relação peculiar com o atual desvirtuamento presente em nossa sociedade, o complexo policial brasileiro, conseqüentemente, está aos poucos sendo tomado por este câncer. E mesmo sendo responsável pela nossa segurança em geral, está com sua maior parte tomada pela corrupção, com isso trazendo consequências problemáticas a todos nós.✦

Por que essa INTERVENÇÃO MILITAR no RJ está indo contra os princípios da DEMOCRACIA?

Bruno Rosenblit

Rio de Janeiro, próxima etapa: ditadura militar. No começo de 2018, o governo federal decretou que, devido ao perigo que há no Rio, haveria uma intervenção militar. Anos se passaram desde a ditadura (período que contradiz totalmente as ideias que temos de democracia), quando os militares estavam no centro da cena política, e agora, com essa intervenção, os mesmos voltaram a exercer o poder. Essa medida põe em risco nossa democracia, já que os membros das forças armadas tendem a não aceitar contestações políticas.

Podemos ver que essa intervenção militar está indo contra os princípios da democracia por várias razões. Uma delas é que os integrantes do exército estão impondo medidas/regras que os favorecem, e de acordo com a democracia, este lugar de governar deveria pertencer ao povo. Os militares estão exercendo o poder de forma abusiva, estabelecendo revistas mais de uma vez por dia em certas pessoas, assim violando o direito da população relacionado à privacidade.

Outro fator que nos mostra que essa intervenção vai contra a democracia é que a maioria da população é contra essa medida do governo. Podemos compro-

var essa informação com uma pesquisa feita pelo Instituto Paraná Pesquisas, a qual mostra que 51,3% da população brasileira se posiciona contra esse ato e 43,1% é a favor, (6,6% não quis responder ou não opinou sobre o assunto).

Grande parte da população defende essa ação da intervenção militar alegando que ela vai diminuir a violência no estado e garantir a segurança pública dos cidadãos. Por exemplo, se algum ladrão resolvesse assaltar alguma pessoa, se depararia com um policial militar armado a sua frente e desistiria imediatamente do seu plano.

Porém, essa intervenção apenas aumenta a violência, gerando grandes conflitos e tiroteios em confrontos entre a polícia e os bandidos. Estão sendo feitas muitas queixas de moradores da periferia, que estão sendo revistados até dez vezes por dia.

Por fim, queria concluir que, após todos os motivos citados no texto, essa intervenção está colaborando com a violência e também tem muitos resquícios da ditadura militar de 1964, indo totalmente contra os princípios de democracia que envolvem a participação dos cidadãos na sociedade e a igualdade entre eles. ✦

Sem INCLUSÃO SOCIAL não há solução

Luana Nicolini

Todos sabemos que as drogas estão muito presentes na vida em sociedade hoje em dia, incluindo nas das crianças e jovens. O ambiente onde essas crianças são criadas e sua posição social influencia na entrada para a criminalidade, porém, não em seu contato com as drogas.

O tráfico é a única alternativa para muitos dos jovens de comunidade. Um menino que foi criado em uma favela no Rio de Janeiro, por exemplo, que não teve uma educação de qualidade e não tem uma perspectiva de um futuro bom, opta pelo tráfico. Este oferece a ele o que a sociedade nega: um futuro minimamente decente.

Outro atrativo do tráfico para essas crianças é o status social e o dinheiro que nunca será adquirido se seguirem a vida de trabalhadores comuns. Com o passar dos anos, o jovem vai ganhando mais e mais com o tráfico, podendo virar o “dono” da comunidade, e essa é uma ascensão que outros jovens pobres geralmente não têm.

É importante ressaltar que o contato com as drogas irá acontecer em qualquer posição social que o jovem esteja, porém, a entrada para a criminalidade de um jovem rico ou de classe média é muito mais difícil, pois todos os atrativos citados acima não cabem a esses jovens. Um adolescente rico da cidade São Paulo já tem um futuro de qualidade garantido, o tráfico provavelmente não irá atraí-lo.

Muitos podem argumentar que a entrada ou não no tráfico depende da bondade do jovem. Porém, quem defende esse argumento não entende por quais situações (financeiras, principalmente) esses jovens passam e veem sua família passando, o que influencia na sua decisão.

Em suma, a maioria dos jovens que entram todos os dias para a vida do tráfico o têm como sua única opção devido a sua posição social. Provavelmente, apenas se a sociedade desse mais chances (uma boa qualidade de ensino, por exemplo) a esses jovens, poder-se-ia resolver esse problema. +

MAIORIDADE penal

Rafael Kovach

Os jovens também são criminosos; mas como poderíamos punir a criminalidade de um jovem? Para poder julgar um jovem com menos de 18 anos, seria necessária a redução da maioridade penal, pois atualmente não é permitida uma prisão convencional para menores, a pena máxima para um menor de idade é de quatro anos de internação, independentemente do crime.

Aos 16 anos, o jovem Champinha sequestrou um casal de acampantes e os levou para a casa de um comparsa, onde estuprou a moça inúmeras vezes. Quanto ao rapaz, foi morto na mata. Após alguns dias de estupro, Champinha levou a moça para a mesma mata e também a matou. Porém, apesar de ter estuprado, sequestrado e matado uma mulher, sua pena foi de somente quatro anos na Fundação Casa. Se ele já fosse maior de idade, sua pena seria equivalente a 110 anos de cadeia.

Esse não foi o único caso de crime hediondo cometido por menores de idade. Aos 17 anos, um jovem confessou ter queimado uma dentista viva e sua pena também foi de apenas quatro anos na Fundação Casa.

Quem é contra a redução da maioridade penal diz que apenas uma quantidade insignificante de crimes é cometida por menores; essas afirmações se baseiam em uma matéria do UOL. Porém, uma busca mais aprofundada revela tratar-se de uma pesquisa fantasma, não existindo nenhum dado que comprove essa informação. Além disso, ninguém assume ter feito a pesquisa. Ou seja, um dos principais argumentos das pessoas que se dizem contra a diminuição da maioridade penal é falso. ✦

Crianças no TRÁFICO

Viktor von Schmädel

Crianças no tráfico são um assunto que já vem acompanhando a sociedade brasileira por um longo tempo. Porém, será que a mídia e a sociedade brasileira abafam o assunto? Creio que sim, uma vez que este é pouco noticiado e que a sociedade parece não possuir interesse em discutir o tema.

Há poucas matérias sobre o assunto, o que gera uma desinformação do público em geral. Um grande exemplo é a “BBC Brasil”, que publicou um artigo sobre o tema em 21 de maio de 2003 e, após essa data, nunca mais tocou no assunto.

Essa falta de divulgação é causada pelo desinteresse que as famílias que comandam as redes de mídia (os jornais brasileiros são pertencentes a famílias tradicionais) e que as pessoas da classe média/alta possuem por assuntos que envolvam indivíduos mais simples (ou seja, com baixa renda). Essa sociedade mais rica acaba por impor uma invisibilidade à “classe baixa”, ou seja, exclui pessoas com renda mais baixa. Assim, algo que deveria ser discutido diariamente é discutido com uma frequência muito menor. Podemos ver isso no dia a dia, quando a maioria

das pessoas não dá sequer um bom dia a gente com empregos simples (porteiro, faxineiro etc.).

Outro fator que, de certa forma, pode acarretar na falta de divulgação do assunto é a economia que as pessoas fazem com o seu dinheiro; ou seja, ao invés de doar uma parte dele para alguma instituição que cuida de crianças, preferem gastar com qualquer outra coisa.

Certas pessoas podem pensar que a mídia não está abafando o assunto, pois a mesma cria campanhas para combater o problema, como por exemplo o “Criança Esperança”. Porém, essas campanhas possuem uma má divulgação, não provocando as pessoas a ponto de fazê-las doar o dinheiro que as mesmas demoraram para conseguir.

Assim, concluímos que o assunto “crianças no tráfico” é algo muito grave, mas, por questão de preconceito com pessoas de renda mais baixa, não é publicado. Ou seja, o assunto não é divulgado suficientemente para impactar a sociedade. Essa falta de impacto faz com que campanhas de combate a crianças no tráfico não consigam capital suficiente para combater a questão; e, por fim, essa falta de capital traz um constante aumento do problema. ✦

A violência nos ESTÁDIOS

no Brasil

Pedro Rapoport

O futebol é um esporte que atrai muitos torcedores para os estádios, em diversos cantos do país. Porém, em vez de se mostrar um espetáculo prazeroso aos amantes do esporte, esse “estilo de vida”, como muitas pessoas insistem em dizer, muitas vezes se torna uma espécie de guerra entre torcidas rivais. O sentimento de amor ao time do coração passa a se relacionar totalmente à ideia de ódio ao adversário, acarretando em grande rivalidade entre equipes. Esta muitas vezes passa do ponto, resultando em confusões enormes, causando ferimentos graves em pessoas ou até a morte.

Um fator que atua fortemente para que isso ocorra é a mídia, que impulsiona a valorização do amor ao time, o que faz com que grande parte dos torcedores enxergue a equipe adversária como inimiga. Precisamos então de conscientização dos torcedores, pois são eles que tornam o espetáculo mais divertido e emocionante.

A impunidade das ações hostis também favorece o imenso desrespeito àqueles que vão apreciar o espetáculo. O mais chocante ainda é que, muitas vezes, os vândalos não são identificados, já que a segurança

dos estádios é ineficaz. Um exemplo que comprova isso é a partida entre o Palmeiras e o Peñarol em maio de 2017. Uma confusão tomou conta tanto do campo quanto das arquibancadas. No campo, a polícia agiu. E nas arquibancadas? Não fez absolutamente nada.

A violência nos estádios faz com que muitas famílias deixem de ir ao jogo, com medo constante dos agressores, acabando com um momento que deveria ser de alegria e de prazer e não de tensão. Os infratores vão a campo levando objetos perigosos, como pedras e pedaços de madeira, muitas vezes passando despercebidos pelos policiais e seguranças.

Nosso país é sim capaz (e muito) de reverter essa situação. Poderíamos nos espelhar em outros lugares do mundo, onde, muitas vezes, as torcidas adversárias sentam uma ao lado da outra, favorecendo a paz e a tranquilidade. A mídia e os clubes poderiam promover campanhas de conscientização ao público a fim de apagar o reflexo de rivalidade abusiva que está muito além do que é o futebol. Outro fator para tentar ajudar nessa mobilização em prol da paz é a punição severa para aqueles que estiverem envolvidos em confusão e também para seus respectivos times, para que cada vez mais essas ações hostis diminuam. ✦

Consciência sem

DROGAS

Sofia Rodrigues de Mendonça

Sem drogas, há mais consciência. Hoje em dia, tem estado em pauta que os jovens estão entrando no mundo das drogas muito cedo, o que na maioria dos casos faz com que o indivíduo não tenha domínio de seus próprios pensamentos. A precocidade leva à dependência, já que os danos cerebrais são maiores na adolescência e esses jovens são, muitas vezes, mais maleáveis do que adultos para entrar nesse mundo. Temos também o fato de usuários de drogas serem um dos maiores causadores de acidentes de carros. Além disso, a partir de um certo momento na juventude, é quase cem por cento impossível de se reconstruir o cérebro do indivíduo, por ainda estar em desenvolvimento.

De acordo com uma pesquisa feita pela revista Galileu, o cérebro só está pronto e desenvolvido a partir dos 25 anos de idade; assim, o uso excessivo de drogas na adolescência pode levar a problemas sérios. A revista ainda diz que, ao observarmos o cérebro de um usuário de maconha, por exemplo, o córtex orbitofrontal – uma parte crítica responsável por processar emoções e tomar decisões – parece menor, como se tivesse encolhido. Além disso, algumas conexões mais fortes entre algumas partes do cérebro também podem ser observadas. Outro exemplo é o de um usuário de cocaína: sua parte do cérebro afetada inclui importantes centros de memória que, em estado normal, nos ajudam a lembrar de onde a fonte de prazer veio. Daí o alto poder de vício da droga: por afetar áreas ligadas ao prazer, os usuários sempre vão procurar pelo narcótico.

O uso abusivo de drogas em jovens é um dos grandes responsáveis por acidentes de trânsito, muitas vezes levando à morte. Segundo matéria feita por

Mário Cândido de Oliveira Gomes, esse uso é responsável por 70% dos acidentes de trânsito e aparece em 70% dos laudos por mortes violentas. Isto acontece já que, com o efeito da droga, a pessoa não tem plena consciência de seus atos, e apenas um toque indesejado acarreta um grande problema e, conseqüentemente, um sério acidente.

O jovem é mais maleável do que o adulto para entrar nesse mundo. A adolescência é a fase mais exposta da vida para a aquisição dos vícios, pois é um momento em que se misturam ingredientes explosivos, como ingenuidade e imaturidade aliados à revolta, à afirmação da personalidade, à descoberta do sexo e ao desejo de experimentar todas as novidades e perigos. Assim, um traficante dizendo das delícias das viagens psicodélicas e das promessas de sonhos e fantasias conseguirá que o indivíduo faça sua primeira compra, o que muitas vezes levará a uma próxima.

Alguns podem dizer que as drogas aumentam a felicidade do jovem. Na verdade, há um equívoco neste argumento, já que o jovem não estará feliz, serão apenas os “cinco minutos” de efeito do narcótico. Como já dito antes, o jovem não terá consciência de seus atos, ou seja, eles não serão vividos na vida real, apenas no período de efeito da droga. Sem contar que, muitas vezes, seus atos serão esquecidos logo em seguida, apagados de sua memória.

Podemos finalizar dizendo, então, que o uso precoce de drogas é causador de grandes problemas no jovem, sendo o principal os danos cerebrais, que muitas vezes serão impossíveis de remediar. Outro fator é que, pela ingenuidade, imaturidade e inocência, o jovem pode ser um alvo mais fácil para a compra de drogas. Concluímos, então, que sem drogas há mais consciência. ✦

A visão da população sobre o

MOVIMENTO HIPPIE

Nicholas Rigatto

"Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida". Essa frase, apesar de ser muito famosa, não é conhecida por todos como um provérbio hippie. É uma das várias coisas desconhecidas sobre esse movimento, pois, por conta do jeito alternativo dessas pessoas e da filosofia que pregavam, foi surgindo um preconceito contra o movimento, calcado no rótulo de serem os hippies drogados que não queriam saber de nada, o que está errado de inúmeras maneiras.

O movimento surgiu nos anos 1960 e ganhou força e seguidores muito rápido, oferecendo uma visão de mundo distante da vigente até então na sociedade capitalista. Os hippies eram, na sua maioria, jovens que abandonavam as famílias e o conforto de casa para ir viver conectados à natureza e, apesar de o uso de drogas alucinógenas estar fortemente relacionado à cultura deles, não era apenas disso que se tratava. Infelizmente, porém, as pessoas de fora do movimento ficaram com a impressão de que era só disso que os hippies queriam saber, quando na verdade buscavam o fim das guerras, do patriarcalismo, da sociedade de consumo e a construção da paz e do amor livre.

Os hippies também lutaram junto ao movimento negro e outros movimentos para conseguir coisas como a ampliação dos direitos civis; porém, a influência das autoridades sobre os meios de comunicação acobertou a discussão que se desenvolvia, além de que, muitas vezes, a polícia era acionada para tirar os manifestantes de locais onde estavam protestando. Exemplo disso foi o protesto na univer-

sidade de Kent State, em 1969, na qual se protestava contra a guerra do Vietnã e invasão americana ao Camboja. Dentro de pouco tempo, a guarda nacional foi enviada, o que resultou na morte de quatro pessoas, reforçando o preconceito sobre os integrantes do movimento hippie.

A cultura hippie também foi representada por personagens famosos e festivais, entre eles, Woodstock, que aconteceu no estado de Nova York em 1969. Esse festival fez com que 200 mil pessoas estivessem presentes.

A herança cultural deixada pelos hippies é muito grande e reconhecida até hoje, desde artigos como roupas, brincos e pulseiras, até músicas que fazem muito sucesso, como as de Jimi Hendrix, que foi considerado um dos melhores guitarristas da história; além disso, as discussões pelo aumento dos direitos das mulheres só vieram à tona mais fortemente depois que os hippies colocaram o assunto em pauta.

Visto isso, não é justo afirmar que os hippies só queriam chamar atenção enquanto se drogavam, pois foi um movimento muito sério que conquistou muita coisa, desde o aumento dos direitos civis até heranças culturais das quais desfrutamos até hoje. Por isso, esse preconceito que permanece contra o movimento tem que acabar, pois talvez, se não fosse pelos protestos e lutas dos hippies, não tivéssemos conquistado muitas coisas a que temos direito. Além do que, no final das contas, tudo que eles mais queriam – o fim das guerras, a paz e o amor livre – são coisas que buscamos até hoje. ✦

BRASIL

uma colônia americana

Gabriel Loures

Atualmente, em nossas emissoras de rádio, nos programas de televisão, nas trilhas sonoras de filmes e novelas e mesmo em festas ou eventos sociais, quase todas as músicas tocadas são americanas ou cantadas em língua inglesa. Oficialmente, é idiotice falar que somos um país colonizado pelos Estados Unidos da América; porém, existem tantos aspectos da cultura dos americanos presentes no dia a dia dos brasileiros, além da música, que, sim, pode-se dizer que talvez sejamos um país colonizado. Isso enfraquece a cultura brasileira.

Hoje em dia, os Estados Unidos possuem as indústrias mais populares do mundo e, portanto, são um grande influenciador cultural. Nós não escapamos dessa influência. O Brasil é um grande importador de produtos americanos e muitas empresas de sucesso acabam investindo no nosso mercado cinematográfico, que exibe mais filmes americanos do que nacionais, por exemplo. Esse tipo de consumo cultural é péssimo, uma vez que as pessoas passam a admirar e valorizar mais a cultura americana do que a brasileira, prejudicando o desenvolvimento da produção dos filmes, livros e músicas nacionais. Por exemplo, hoje em dia, as pessoas sabem bem mais sobre a música americana do que sobre a brasileira, em virtude de mais de 70% das músicas tocadas em rádio serem americanas.

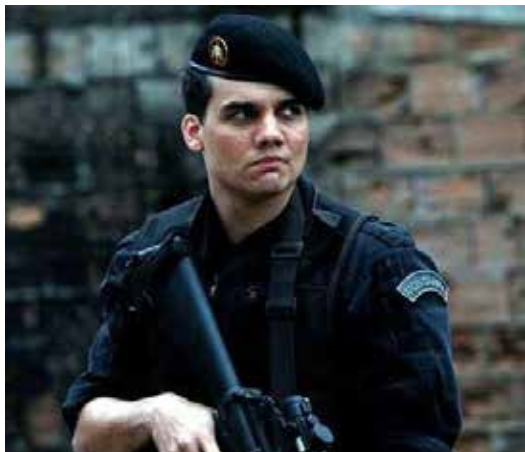
Além disso, somos um país com grande dependência econômica, por conta de o Brasil exportar matéria prima para os americanos, que a utilizam para vender seus produtos em nosso mercado. Ou

seja, o Brasil é tão dependente economicamente dos Estados Unidos que se este parar de comprar nossos minérios, como o aço e o alumínio, iremos sofrer economicamente, tanto que a decisão dos EUA de sobretaxar aço e alumínio no começo de março de 2018 nos trouxe prejuízo de mais de US\$ 3 bilhões nas exportações, segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria).

Alguns acham que não há problema em apenas “consumir” a cultura americana e que isto não afeta nem um pouco a cultura ou a economia brasileira, já que o consumo de livros, filmes e músicas americanas representaria uma pequena proporção do consumo de bens culturais.

Porém, isso não é verdadeiro, em virtude de quase todas as coisas consumidas por brasileiros serem do exterior, como as roupas e os celulares. A falta de conhecimento da nossa própria cultura acaba atrasando nosso desenvolvimento, e o fato de produtos americanos serem consumidos no nosso país de forma mais extensa que os produtos brasileiros prejudica a nossa economia.

Portanto, após tudo o que foi dito, é possível afirmar que o Brasil é uma colônia americana, já que existem vários aspectos da cultura deles implantada na nossa, além da nossa dependência econômica, o que torna o Brasil cada vez menos desenvolvido, apesar de termos vários recursos naturais e pessoas capacitadas para exercerem diversos tipos de trabalho que poderiam transformar o nosso país em uma grande potência mundial, como os próprios Estados Unidos. ✦



(Esq.) *Tropa de elite* (2007). Direção: José Padilha
(Acima) *Cidade de Deus* (2003), direção de Fernando Meirelles

CINEMA BRASILEIRO

uma arte desvalorizada

O brasileiro, até hoje em dia, prioriza os produtos estrangeiros. E, claro, no cinema não seria diferente. Apesar de termos um amplo leque de filmes brasileiros de alta qualidade, o público ainda prefere assistir aos hollywoodianos. Há certo monopólio em torno dos filmes de Hollywood e dos europeus, e por conta disso, há falta de incentivo, o que prejudica o avanço do cinema brasileiro em relação ao público.

Não é de hoje que o nosso cinema é bem visto aos olhos de grandes festivais internacionais e premiações. Diversos trabalhos, ao longo da história do cinema brasileiro, foram elogiados e premiados internacionalmente. A seguir, você pode conferir alguns filmes que já foram premiados.

O filme “Cidade de Deus” foi indicado ao Oscar em quatro categorias (melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor edição e melhor fotografia), além de ter recebido uma indicação ao Globo de Ouro de Melhor Filme em Língua Estrangeira e outras duas indicações ao BAFTA, o

Luana Tito Nastas

Oscar britânico. Ganhou mais de 50 prêmios no mundo inteiro e ocupa a posição 21º filme mais bem avaliado pelo IMDb (sigla que significa Base de Dados de Filmes da Internet, em Inglês: Internet Movie Database). E em 2009, pela revista britânica *Empire*, ficou em 7º lugar na lista dos 100 melhores filmes do cinema mundial.

“Central do Brasil”, um dos filmes brasileiros de maior sucesso em nosso cinema, ganhou no festival de Berlim o prêmio Urso de Ouro de melhor filme em 1998 e o Urso de prata de melhor atriz foi para Fernanda Montenegro, além do Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro, vencendo também o BAFTA na categoria de melhor filme estrangeiro e, ainda nesta mesma categoria, outros dois prêmios no National Board of Review e no Satellite Award. Ao todo, o filme ganhou mais de 30 prêmios internacionais, com diversas críticas excelentes.

O filme “Tropa de Elite” ganhou o grande prêmio do cinema brasileiro de melhor longa-metragem em 2007 e, no mesmo ano, o Festival de Berlim.

Após apresentar apenas três filmes dentre vários existentes que ganharam muitos prêmios em diversos festivais importantes e que tiveram uma grande repercussão, pode-se perceber que essa ideia de que o cinema brasileiro é fraco não é verdadeira. Várias pessoas não chegam nem a assistir aos filmes, pois preferem ir em busca dos filmes de Hollywood, que, como já foi citado anteriormente, possui um certo monopólio na indústria cinematográfica, o que acaba automaticamente privando o público brasileiro de ir aos cinemas e assistir aos nossos filmes.

Central do Brasil
(1998) dirigido
por Walter Salles



A MÚSICA BRASILEIRA atualmente

Gustavo Gurman

A música popular, atualmente, demonstra uma pobreza de procedimentos e características que torna difícil de entender a tenacidade dessa especialidade tão mísera que quase não nos traz novidade e variação, senão para fins publicitários. Isso aconteceu porque, a partir de certo ponto, uma grande parte da população brasileira perdeu seu interesse em uma cultura musical mais sofisticada, desejando então consumir músicas sem nenhuma engenhosidade e singularidade.

O funk carioca e o sertanejo universitário são dois movimentos musicais que se fizeram totalmente irrelevantes como forma estética, uma vez que trabalham com melodias e harmonias totalmente simplificadas, com notas, acordes e letras sem nenhuma complexidade, perdendo parte do que o Brasil conquistou de mais precioso para seu cancionário: a riqueza nas harmonias e nas linhas melódicas que, especialmente a partir da bossa nova, complexificaram-se tremendamente. Com isso, na música brasileira é quase impossível diferenciar um artista do outro. A individualidade foi apagada.

O problema não é apenas da mídia ou de artistas, mas também de todos que causaram esse pouco interesse musical. As pessoas que se preocupam com o que a melodia está se tornando devem lutar por uma nova ideologia musical, em que será obrigatória a complexidade e na qual não será relevante e aceito

qualquer composição insignificante nos aspectos de inovação e originalidade.

Tivemos de esperar até 1930 para começar a deixar de sermos um mero clube associativo de donos de fazendas, para sermos algo mais próximo de um país; foi a partir daí que a música brasileira passou à linha de frente do debate cultural. A construção nacional de Villa-Lobos (um dos responsáveis de aproximar o violão da música erudita) e das pesquisas musicais de Mário de Andrade são exemplos paradigmáticos nesse sentido.

A música certamente acabou por produzir um sobre-investimento, já que se tornou um produto comercializado em abundância pela mídia. Porém, mesmo que a música brasileira tenha se reduzido, em larga medida, aos limites da canção (a forma musical por excelência de consolidação de laços sociais devido a sua estereotipia formal e de fácil reconhecimento), é inegável que o Brasil, como alguns poucos outros países, soube extrair genialidade de tais limites.

Por fim, a música brasileira se tornou menos diversificada e mais homogeneizada, e isso, atualmente, é o que a maior parte da audiência quer, caso contrário não haveria incentivo financeiro para se fazer música dessa forma. Sofremos uma lavagem cerebral para gostar de músicas que, normalmente, odiaríamos, através do simples truque de exposição repetitiva. Precisamos urgentemente “acordar” e desejar mais do que o que temos. +

O querer incessante se torna SERVIDÃO

Thales Correa Tavares

Vivemos em uma sociedade capitalista na qual todos (ou quase todos) são consumistas e materialistas. Para obter as necessidades básicas do ser humano, é necessário dinheiro, que, por sua vez, só é obtido através do trabalho. Porém, se nos contentássemos apenas com o necessário, nós não seríamos servos voluntários de patrões, que por sua vez são servos voluntários do próprio capitalismo.

Nós vivemos em uma sociedade que nos prepara para o trabalho desde que nascemos. Na adolescência, nós temos que decidir como iremos “ganhar” a vida, para quando adultos, passarmos a maior parte de nosso tempo procurando emprego, até nos aposentarmos quando velhos. Sem contar que, no Brasil, cerca de 5% da população que tem entre 5 e 17 anos são trabalhadores precoces, segundo o IBGE. Em virtude dessa nossa cultura, quem não trabalha é tachado como vagabundo pela maior parte da sociedade e, inevitavelmente, acaba ficando inapto a se adaptar e incapaz de obter um ciclo social bem estruturado, afogando-se assim em solidão, que pode muitas vezes se resultar em depressão, que, por sua vez, pode terminar em morte.

Há quem diga que existem possibilidades de nos isolarmos da sociedade e consequentemente do trabalho. Basta viver de maneira independente, sem trabalhar para os outros e sem usufruir do trabalho alheio. Essa pessoa, teoricamente, conseguiria viver sem trabalhar e sem estar presente no sistema de servidão voluntária.

Porém, vivemos em meio ao capitalismo. A não ser que levemos em conta uma sociedade utópica onde tudo se dá de graça e de forma voluntária, nós ainda teríamos que plantar nossa própria comida, teríamos que construir nossa própria casa, teríamos que fazer nossas próprias roupas, entre outras coisas mais, e sim, isso tudo é trabalho, embora não seja remunerado.

É possível ficarmos isentos da sociedade e do capital, mas nunca do trabalho. Este, muitas vezes, está relacionado com nossos sonhos e expectativas de vida. Sonhos que muitas vezes norteiam a vida das pessoas, mas que só podem ser conquistados através do trabalho. Nós colocamos o desejo material e carnal acima de nós, fazendo com que ele guie nossa existência; mas o desejo só é saciado se trabalharmos; logo, vida é trabalho. ✦

Afinal, há democracia na

VENEZUELA?

Lucas Magada

Com uma eleição reconhecida por poucos países, hiperinflação, crise de refugiados e protestos violentos, o país que até 2005 tinha o maior PIB per capita da América Latina vive também uma crise de abastecimento. O mundo inteiro se pergunta: o país comandado por Nicolás Maduro ainda funciona sob um regime democrático? Penso que não.

Leopoldo López, líder da oposição condenado a 13 anos 9 meses e 7 dias de reclusão, foi julgado e condenado por fomentar protestos contra o governo de Nicolás Maduro. A prisão de Leopoldo é tão absurda que o “Working Group on Arbitrary Detention”, um grupo de trabalho da ONU que averigua e denuncia prisões políticas e arbitrárias, denunciou e pediu a imediata soltura dele. Leopoldo não é o único opositor venezuelano que teve de se submeter a uma prisão arbitrária, o ex-prefeito de Caracas, Antonio Ledezma, também foi preso.

Em muitas organizações internacionais, para ser um membro, o país deve seguir o regime democrático. Entre estas organizações, está o Mercosul. Justamente ele, o Mercosul, suspendeu a Venezuela alegando “ruptura da ordem democrática”. Com isto, o país somente voltará a participar do bloco se tiver “restaurada a ordem democrática”.

Para um país ser considerado democrático, há algumas condições, tais como ocorrência de eleições livres e a existência e independência dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário). Ao eliminar ou comprometer alguma destas condições, corrompe-se a democracia. A assembleia constituinte, que somen-

te foi reconhecida por poucos países, como Cuba, Bolívia e Rússia, não esperou nem um dia e já destituiu a procuradora geral Luísa Ortega. Hoje, a ex-membro do alto escalão do governo de Nicolás Maduro denuncia o governo, na Colômbia, onde está exilada.

É muito comum ouvir que a Venezuela não é uma ditadura, pois Maduro foi eleito numa eleição democrática e justa. Porém, isso não é verdade. Dentre os diversos motivos para a que a eleição seja considerada uma fraude, estão as milícias chavistas acompanhando os eleitores na cabine de votação. O PSUV (Partido Socialista Unificado da Venezuela), partido de Nicolás Maduro, montou barracas onde eleitores portadores do cartão que dá acesso aos programas sociais deveriam confirmar sua participação no pleito. Ainda por cima, havia o rumor de que quem não participasse não ganharia um bônus no cartão. Candidatos da oposição que sofreram perseguição jurídica também foram impedidos de competir. Essas são somente algumas das razões para a eleição na Venezuela ser considerada uma fraude.

Não existe uma solução mágica para a crise que a Venezuela está passando. Porém, sem a Venezuela restabelecer o regime democrático e realizar novas e limpas eleições, será impossível resolver a enorme crise econômica pela qual passa. Para se ter uma ideia, a inflação em 2017 foi de 2.616%. Medidas efetuadas pelas comunidades internacionais, como sanções econômicas, acolher refugiados, não reconhecer as eleições, sanções diplomáticas, são algumas das medidas que podem ajudar a Venezuela a encontrar o caminho democrático. ✦

Em defesa do CASAMENTO HOMOSSEXUAL

Laura Dyck

Surpresa! Nem todos os casais podem se casar legalmente. Casamento entre pessoas do mesmo sexo, também conhecido como casamento homossexual ou casamento gay, não é legalizado na maior parte do mundo. Na verdade, entre os 193 países, só 27 permitem que pessoas homossexuais se casem. A primeira nação a legalizar esse tipo de casamento foi a Holanda, em 2000, e apesar da causa LGBTQ+ ter avançado bastante nos últimos anos, há ainda muito a se conquistar. O casamento entre duas pessoas do mesmo sexo já deveria ser uma realidade no mundo inteiro, e não algo a ser ainda conquistado.

Todos os seres humanos são iguais em termos de direitos. Não importa o seu gênero, sua etnia, sua classe social ou sua sexualidade. A sexualidade não difere os direitos de uma pessoa da outra. Além disso, o fato de pessoas do mesmo gênero estarem se casando não vai fazer muita diferença na vida da população. Mesmo que casais não héteros não possam se casar legalmente, muitos deles “levam uma vida de casados”, ou seja, moram juntos, alguns têm filhos etc.

Ademais, o único motivo para o casamento homossexual não ser legalizado é a religião. A maioria dos países, atualmente, é laica, ou seja, possui uma

posição neutra no campo religioso, não apoiando ou discriminando nenhuma religião. Na prática, porém, não é bem assim que funciona.

O principal argumento usado contra o casamento homoafetivo é a Bíblia. Ela diz que ter relacionamento homossexual é pecado. O casamento e o relacionamento sexual teriam sido criados por Deus para acontecer entre um homem e uma mulher. A citação que pessoas homofóbicas mais usam para “justificar o seu ódio” é Levítico 18:22: “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante.”. Entretanto, a Bíblia também diz que Deus é o único que pode julgar, e nós mortais não podemos julgar uns aos outros: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.” (Mateus 7:1-2).

De qualquer maneira, se todos têm direitos iguais, devemos nos apoiar no fato que diferentes sexualidades não mudam isso. Apesar da causa LGBTQ+ ter avançado bastante nas últimas décadas, ainda há bastante a se conquistar. A principal consequência da legalização do casamento homoafetivo é a felicidade de muitos casais LGBTQ+. ✦

Por que, mesmo nos dias atuais, a comunidade LGBTQIAPFZK não é aceita pela maioria da população?

Renata Lazar Giannini

"Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito!". Você concorda com essa frase? E se eu disser que ela é de um cientista conhecido como Albert Einstein? Einstein já soube antes de todos nós sobre o preconceito da população. Ele definiu o que o mundo se tornou apenas com a frase citada acima: um mundo preconceituoso, onde pessoas não podem ser diferentes das outras, não podem ter cor, gosto, religião e principalmente preferência sexual diferente.

Você já se perguntou por que a maioria da população se considera hétero e tem medo/preconceito de se abrir para o mundo em relação ao diferente? Isso tem uma explicação. A maioria das pessoas se considera hétero porque: 1) realmente é hétero; 2) tem medo de assumir sua própria sexualidade reprimida, pois poderia haver consequências como ser espancado, julgado e maltratado por ter preferência sexual diferente da que é aceita.

Muitas pessoas dizem não gostar e nem apoiar quem tem identidade de gênero diferente, por causa da Bíblia, que diz "Não te deitarás com varão, como se fosse mulher, é abominação"; e "Não vos contamineis com nenhuma dessas coisas, porque com elas se contaminaram as nações que eu expulso de diante de vós". Essas duas frases dão a entender que se um homem dormir com um homem como se fosse mulher, ele será considerado uma abominação e não irá para o céu.

Entretanto, na Bíblia também está escrito que "todos fomos criados à imagem e semelhança de Deus" e que "todos pecamos e precisamos de salvação". Outra frase é: "amais a vossos inimigos", "que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei". Elas dão a entender que Deus ama a todos, até nossos inimigos, e que todos somos pecadores e fomos criados à sua imagem. Nessas frases, não se menciona odiar ou não apoiar pessoas diferentes. Nelas, apenas diz-se que, mesmo você não gostando de seu inimigo, o melhor a se fazer é amá-lo.

Se você não acredita na Bíblia nem em Deus, isso não é motivo para julgar ou maltratar pessoas com interesses sexuais diferentes, pois todos temos os mesmos direitos, independentemente da sexualidade. Se você é preconceituoso, já lhe digo que você convive com pessoas "diferentes" todos os dias e pode nem perceber; além disso, isso não vai mudar em nada na sua vida ou rotina.

Portanto, se você é preconceituoso em relação à orientação sexual e depois de ler este artigo não mudou de opinião, informo-lhe que o mundo seria um lugar melhor sem você. Caso você que esteja lendo não tenha nenhum preconceito em relação a uma orientação sexual diferente da sua, o mínimo que você poderia fazer seria ler mais sobre o assunto, apoiar e ajudar, pois você faz a diferença. Acima de tudo, todos temos os mesmos direitos. ✦

Mês da CONSCIÊNCIA NEGRA

diminui ou fortalece a separação racial?

Fernando Pencak

A pós ver o vídeo no qual Morgan Freeman crítica a utilidade do mês dedicado à consciência negra, surgiu-me uma questão polêmica: será que a existência de somente um mês para celebrar a história de um povo enquadrado atualmente nas minorias não fortalece o racismo, pois, quanto mais explicitamos as diferenças, mais estaríamos vitimizandando as minorias, criando um ciclo de fortalecimento das diferenças? Ou seria o mês da consciência negra um mecanismo de divulgação para a maioria das pessoas sobre a diferença racial e o preconceito por meio da lembrança do sofrimento dos negros ao longo da história mundial? Esta questão divide ativistas do movimento negro atualmente.

É importante afirmar que não existe mês da consciência de outras minorias, tais como LGBT, judaica e imigrantes, pois tomamos como base somente a nossa cultura, com uma hierarquização das diferenças (maiorias e minorias) seguindo um determinado padrão. Em outras sociedades e culturas, esse padrão tende a variar, por isso eu considero racismo tomar como verdade o padrão desta cultura para delegar um mês aos negros, assim como não existe mês para outras raças.

Um argumento utilizado pelo movimento negro em prol da data é que, se esse mês deixar de existir, o assunto será deixado de lado e não se tocará na ferida, o que pode fortalecer o preconceito. Porém, uma maneira mais eficaz de acabar com esse preconceito seria, em vez de dedicar um mês à consciência negra, não deixar esse assunto sair de pauta, promovendo debates e discussões em escolas, dando voz aos negros e assim reforçando, por meio da educação e consciência, que a diversidade é mais que normal, é linda e necessária, pois cada diferença representa uma história e não é válido de maneira alguma inferiorizá-la. +

JOGOS DE COMPUTADOR

entretenimento ou vício?

Felipe R. A. Röttgering

Já lemos vários artigos sobre este tema; porém, afinal, é real a ideia de que os jogos podem causar vício ou mudança de comportamento?

Os jogos não são tão prejudiciais como a maioria das reportagens e jornais anunciam; porém, há consequências ao jogar excessivamente. A mais recorrente hoje em dia é priorizar os jogos em vez da família, necessidades fisiológicas e vida social fora do mundo dos games. Por outro lado, é totalmente possível fazer amizades também nos jogos online.

Outro ponto positivo é que é possível melhorar reflexos, capacidade de pensar rápido, espírito estratégico, entre outras coisas. Não é à toa que existem jogos para crianças em formação e/ou com deficiências como Dawn, etc.... O que defendo é que não deve haver exagero, deixar de sair com amigos e família para ficar em casa jogando.

Além disso, os jogos são muito divertidos. É como ver um filme em que você controla o protagonista, ou melhor, você é o protagonista. Além disso, você consegue jogar com seus amigos, já que é pos-

sível se comunicar via internet, o que só deixa tudo mais divertido.

É claro que, em alguns casos, há vício. O vício em games é um tipo de vício comportamental em que a pessoa deixa de fazer suas atividades diárias para ficar jogando, o que compromete atividades básicas do cotidiano, como higiene pessoal, alimentação, trabalho e/ou estudos, vida social etc. Além disso, a pessoa chega ao ponto em que continua ou aumenta a frequência do jogar apesar da ocorrência de consequências negativas.

Porém, o fato de que jogadores deixam de realizar suas atividades cotidianas para ficar jogando não pode ser entendido como o comportamento de todos os usuários de games, além de que a maior culpa não é dos jogos e sim do jogador, que tem a responsabilidade de se cuidar.

Logo, não há nenhum problema em jogar jogos com amigos ou sozinho, ou exagerar um pouco na frente da tela do computador no fim de semana, apenas cuide das suas responsabilidades em geral e curta a sua família, pois você só tem uma. ✦

JOGOS DE COMPUTADOR

nas olimpíadas

João Magalhães

Videogame nas olimpíadas? Uma questão que ganha cada vez mais relevância é: poderiam os jogos de computador ser considerados verdadeiras modalidades esportivas? Evidentemente, sim. Os esportes eletrônicos vêm crescendo em popularidade e, em um futuro não muito distante, podem ganhar essa tão desejada legitimidade.

Uma das principais e mais relevantes características de qualquer modalidade esportiva é a possibilidade haver um diferencial entre jogadores no campo da técnica. Em qualquer um dos esportes eletrônicos, assim como em qualquer esporte de fato, é possível a demonstração de habilidade por meio da técnica. Entre duas pessoas de rankings diferentes, a com o mais alto tem uma noção de jogo notavelmente superior. Uma maneira muito fácil de perceber isso é fazendo uma análise de um dos mais diversos vídeos de partidas com um número desequilibrado de jogadores por equipe, disponíveis na internet, o time com menor número de “players” normalmente sai vitorioso justamente por ter os jogadores de maior ranking.

Vale lembrar também de outro fundamental traço de um verdadeiro esporte, a existência de competição, coisa que os e-sports não falham em apresentar. Todos os anos, centenas de torneios são promovidos pelas empresas desenvolvedoras, que investem fortemente no cenário competitivo de seus jogos, o que, além de incentivar novos “atletas”, estabelece a comunidade de determinado jogo.

Falando em competições, é importante ressaltar

todo o potencial econômico envolvido nelas. É notável o empenho das desenvolvedoras para o sucesso das mesmas. No ano de 2018, a empresa americana “Activision-Blizzard” fez um investimento total de mais de 20 milhões de dólares no cenário competitivo de seu mais recente sucesso, Overwatch.

Uma afirmação muito recorrente quando se conversa sobre a legitimidade do e-sport como modalidade desportiva é a de que “jogos de computador não são ESPORTES se o jogador fica lá parado!”, o que pode ser facilmente refutado. Fazendo uma breve análise da definição dada pelo dicionário Houaiss, que define o esporte como “atividade lúdica regular que envolve treino metódico, competição, demonstração de habilidade e destreza e respeito a certas regras”, é possível perceber que em momento algum é citado o esforço físico para a consideração, ou não, de algo como um esporte, permitindo que o xadrez, que é uma modalidade com demanda de exercício mínima, por exemplo, possa ser encaixado na categorização de esporte.

Por fim, volto a dizer que os e-sports devem e logo irão ser classificados como modalidade esportiva. O tardar dessa decisão é somente uma perda de dinheiro para as empresas envolvidas. A crescente fama dos esportes eletrônicos só prova o meu ponto. Em 2017, o canal “SporTV” atingiu 1,2 milhões de telespectadores simultâneos na transmissão ao vivo da final do campeonato brasileiro de League of Legends (sucesso da Riot Games), por isso, eu só posso imaginar os números quando o e-sport aparecer em uma olimpíada. ✦

Um NOVO JEITO de praticar esportes

Gabriel Sanchez

Nos dias de hoje, há uma enorme discussão sobre o que pode ou não ser considerado um esporte. Isso está acontecendo devido ao enorme crescimento dos e-sports ou esportes eletrônicos, que vêm ganhando cada vez mais popularidade em canais de esporte, como por SporTV ou ESPN.

Na minha opinião, os e-sports podem ser considerados esportes assim como os esportes convencionais. É possível determinar isso ao olharmos a definição de esporte presente nos dicionários: “esporte é toda prática física que busque lazer ou competição, com demonstração de destreza, força ou habilidade”. Outros fatores são as diversas semelhanças que os e-sports possuem com os esportes convencionais e mentais, entre elas estão o dia-a-dia dos cyberatletas e a semelhança que existe entre o estilo de jogo de

alguns e-sports e o estilo de jogo dos esportes mentais (xadrez e poker, por exemplo).

Como eu havia dito, um dos argumentos para considerar os e-sports esportes como os convencionais é a própria definição apresentada acima. É possível observar todas as características da definição nos jogos mais populares. Por exemplo: Dota 2, considerado um dos e-sports mais complexos, possuindo o maior campeonato da história dos videogames, com premiação de mais de 10 milhões de dólares.

Muitos jogos que estão na categoria de e-sports, como Counter Strike ou League of Legends, possuem diversas semelhanças com esportes convencionais, como futebol, por exemplo. Uma dessas semelhanças é a rotina de treino, já que alguns times profissionais em videogames chegam a treinar tanto quanto ou até mais do que os atletas profissionais dos esportes convencionais.

Os e-sports, assim como o xadrez e o poker, são considerados esportes mentais. Ambos os jogos sendo considerados esportes, não faz sentido não considerarmos os e-sports modalidades como eles, já que o estilo de jogo estratégico do xadrez e do poker está presente nos e-sports. Podemos usar como exemplo o próprio Dota 2 citado anteriormente, que é considerado o xadrez dos videogames devido à grande quantidade de estratégias. Assim como no próprio xadrez, um erro pode custar a partida.

O principal argumento de quem não considera os e-sport como os convencionais é a ausência de atividade física. Isso acontece porque todos os esportes convencionais, como futebol ou vôlei, exercem algum tipo de atividade física. Logo, isso seria uma regra na hora de definir se a atividade é esporte ou não.

Porém, esse não é um argumento válido, pois ele não concorda com a definição de esporte apresentado anteriormente. Para definirmos o que é esporte ou não, é necessário considerar uma série de outras características além da questão da atividade física. Um exemplo é o tiro esportivo, que é considerado esporte e não exige de uma grande quantidade de esforço físico.

Além disso, o Comitê Olímpico Internacional reconheceu o esporte eletrônico como uma modalidade no final de 2017, o que significa que eles consideram os e-sports como um esporte “oficial”, assim como os esportes tradicionais.

Portanto, é possível considerar os e-sports como os esportes da nova geração devido aos fatores apresentados ao longo do texto. A cada dia, mais pessoas reconhecem o potencial dos e-sports e como eles podem, um dia, se tornar tão grandes quanto os esportes convencionais. ✦

VIDEOGAME

não é tão ruim quanto parece

Bruno Manzoli

Jogos eletrônicos estão cada vez mais presentes na vida das crianças de hoje em dia. Se seu tempo de uso não for controlado corretamente, eles podem se transformar em um vício, segundo a psicóloga Ana Luiza Mano, do NPPI (Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática), da PUC São Paulo. Quando você joga um videogame, você sente alegria, prazer, e vontade de jogar mais. Os games podem ser jogados online, o que estimula o contato com outras pessoas... Por outro lado, o vício em videogames passou a ser considerado pela primeira vez um distúrbio mental pela Organização Mundial da Saúde.

Jogos de estratégia, em que é preciso encontrar a solução certa, estimulam o raciocínio. “Para ultrapassar os obstáculos do videogame, é preciso tomar as atitudes certas, o que favorece o pensar lógico”, diz Mano. O uso do videogame, porém, deve ser bem

dosado. “Crianças que ficam muito tempo jogando acabam prejudicando outras atividades - como a alimentação e a escola - precisando de limites orientados pelos pais, caso contrário ficam obesas e com um declínio significativo nas notas da escola”, avisa Ana Luiza Mano.

Além disso, uma pesquisa divulgada no final de 2011 reforça a ideia de que jogos violentos são prejudiciais. Depois de uma semana jogando esse tipo de games, os homens que participaram da pesquisa apresentaram alterações na parte frontal do cérebro, que controla a cognição e a emoção. Segundo os professores da Indiana University School of Medicine, dos Estados Unidos, no estudo, essas funções pioraram. Os testes foram feitos com 28 homens, de 18 a 29 anos.

Em suma, jogar videogame deve continuar sendo uma forma de entreter as pessoas, mas deve ser muito bem controlado para que elas não se viciem. ✦

Quando um FILME DE TERROR não é apenas um suspense com JUMPSCARE?

Fernanda Veronezi de Jesus

Sabe aqueles filmes de terror bizarros e medíocres, nos quais uma família se muda para uma casa assombrada numa cidade pequena e é atormentada pela antiga família que morreu ali? Esse tipo de filme usa uma ferramenta que ajuda a dar sustos, chamada de jumpscare. Ela é usada, muitas vezes, como bengala para filmes mal produzidos. Filmes baseados em histórias, fatos ou conteúdos reais apavoram muito mais do que filmes que usam o jumpscare em excesso e deixam o filme grotesco.

Filmes baseados em “fatos reais” fazem com que comecemos a pensar e nos colocarmos no lugar da personagem: “como ela passou por isso?!”. Isso acontece em “Horror em Amityville”, história real de uma família que foi assassinada pelo filho mais velho, Ronald de Feo, que diz, até hoje, que estava ouvindo vozes lhe mandando matar sua família. Ele foi diagnosticado com transtorno de personalidade antissocial e foi preso em 1975 (um ano após o assas-

sinato), continuando detido até hoje, com 66 anos.

Filmes como “Fragmentado” também mexem com as nossas cabeças ao usar uma doença como fator principal da trama e do apavoramento. Quando se usa uma coisa mais próxima da nossa realidade, isso nos deixa mais ansiosos para saber o final. O filme conta a história de um homem que possui 23 personalidades, e quando uma delas assume o “comando” de sua mente, comete crimes ou coisas anormais (como canibalismo). A explicação de cada personalidade ser perturbada é o abuso pelo qual cada uma já teria passado.

O medo do desconhecido, independentemente da nossa religiosidade, existe. Filmes de terror sempre envolvem forças sobrenaturais: espíritos; possessões; maldições. Essas forças rodeiam uma crença. Ter medo do misterioso não é uma bobagem. Enfim, para os fanáticos por filmes de terror, o que importa é uma boa história e não recursos usados de uma maneira ruim. ✦

Terceira GUERRA Mundial

Davi Terra Flores

Quais serão as causas da Terceira Guerra Mundial? Embora muitos acreditem que as tensões entre os EUA e a Coreia do Norte, a guerra na Síria ou os ataques do Estado Islâmico possam ser alguns dos motivos, a verdade é que os conflitos em torno dos recursos hídricos já vêm sendo motivo de guerras em diferentes épocas e lugares, principalmente no Oriente Médio.

Independentemente da disputa por esse recurso ser ou não uma das causas da próxima Grande Guerra, a água vem cada vez mais se tornando um instrumento de poder, o que faz com que os governos briguem para ter sua posse e se tornem mais poderosos quando a conseguem. Esses conflitos estão presentes especialmente em lugares cujo acesso à água é escasso e limitado, como, por exemplo, em lugares Oriente Médio e do norte da África. Como a água é um recurso fundamental para a vida, as disputas ocorrem como uma forma de as populações presentes nessas regiões lutarem pela sobrevivência, e, embora não seja a melhor solução, em muitos casos essas disputas ocorrem como uma consequência natural.

Na Guerra dos Seis Dias, que aconteceu em 1967, a Síria teve parte de seus territórios invadidos por Israel, em terras onde estava localizada a nascente do Rio Jordão. Essa perda de fonte de recursos hídricos é um dos fatores que contribuem para que, atualmente, os governos tanto de Israel quanto da Palestina sofram com grande instabilidade política.

Mas as hostilidades entre países podem ocorrer também quando cursos d'água atravessam mais de um país e não é decidido quem tem a posse desses recursos. Uma zona de conflito que exemplifica isso é a região dos rios Tigre e Eufrates. Esses rios, que possuem suas nascentes localizadas na Turquia, servem de abastecimento para o Iraque e para a Síria. Essa região é foco de instabilidade geopolítica até hoje, e existe uma grande tensão em torno dela, pois a qualquer momento uma guerra pode ser iniciada, como já houve no passado.

Em 1998, os turcos entraram em conflito com os sírios, pois a Turquia havia começado a construir barragens nos rios, diminuindo o fornecimento de água para a Síria. Em 2009, o Iraque acusou os dois países de estarem utilizando mais água do que o permitido, sendo essa a causa de uma seca que ocorreu no território iraquiano. Com relação aos rios Tigre e Eufrates, a Turquia tem

grande poder no local, pois controla as nascentes que abastecem os outros dois países.

A água, além de ser causa de conflitos, também é muito usada por governos como uma ferramenta militar para desestabilizar os inimigos. Um governo que possui controle dos recursos hídricos pode facilmente privar os outros que necessitam desses recursos de ter acesso a eles.

Outra coisa que acontece muito nas guerras é a destruição de reservatórios e fontes de água do exército adversário. Na Guerra do Golfo, no começo da década de 90, as bombas de dessalinização que forneciam água para o Kuwait foram destruídas pelo Iraque. Em 1993, o Marismas da Mesopotâmia foi envenenado e drenado por Saddam Hussein, pois fornecia água para árabes escondidos. Na Guerra do Kosovo (1996-1999), os cadáveres foram utilizados pelos sérvios para infectar os suprimentos de água.

É verdade que a água é um dos recursos mais abundantes no planeta, e com certeza um dos mais fáceis de acessar. Até mesmo em lugares que não têm acesso à água doce, facilmente é possível fazer o processo de dessalinização, que está cada vez mais barato. Quase toda a água de Israel, por exemplo, vem desse processo.

Porém, com a população mundial aumentando e com a crescente demanda de água por todo o mundo, nem todos os países têm capacidade de financiar um sistema de saneamento básico, e muito menos pagar por um sistema que realize em grande escala o processo de dessalinização, o que poderia ser uma opção para resolver a falta de água em parte do Oriente Médio. Uma pequena nação no meio do Golfo Pérsico, o Bahrein, é apontada como o país com mais escassez de recursos hídricos no mundo, mesmo possuindo grandes fontes de petróleo, que lhe garantem uma boa renda.

Portanto, é possível dizer sim que a água, além de ser uma das causas de diversas guerras e tensões entre países ao redor do globo, também se tornou uma grande fonte de poder político, pois nas regiões nas quais seu acesso é difícil, os governos que tiverem controle dela terão também maior estabilidade e influência, seja ela positiva ou não, com relação aos seus vizinhos. Além do mais, com o aumento da temperatura global, que gera diminuição do volume dos rios e o aumento da demanda de água no mundo, é possível que esses conflitos venham a ser cada vez mais recorrentes. ✦

Terceira GUERRA Mundial

André Monteiro

"Não sei como será a terceira guerra mundial, mas sei como será a quarta: com paus e pedras.", Albert Einstein. A partir dessa frase, é possível fazer uma interpretação de que a população, após uma terceira guerra mundial, voltaria à idade da pedra. Com os conflitos no Oriente Médio envolvendo a Rússia e o começo de uma guerra comercial entre China e EUA ameaçando a hegemonia estadunidense, temos alguns indícios de uma guerra mundial. Porém, sem apoio político e com organizações como a ONU e a OTAN, faz-se muito difícil a entrada em uma guerra.

Os políticos ao redor do mundo, hoje, não têm apoio suficiente para entrar em guerra. Trump, por exemplo, tem os menores índices de aprovação que um presidente dos Estados Unidos da América já teve, segundo pesquisa divulgada no portal de notícias do G1.

EUA e Rússia não desejam entrar em guerra, como afirmou Jon M. Huntsman, embaixador norte-americano na Rússia. Mesmo com o bombardeamento da Síria pelos Estados Unidos devido aos ataques químicos, ambos os lados evitam se atingir. Além disso, Trump e Kim Jong-Un fizeram as pazes, em Singapura, quando se encontraram e apertaram as mãos.

É de conhecimento geral que, com Trump no poder, podemos entrar em guerra a qualquer momento, como vemos pelos tweets do presidente norte-americano, que não é nada diplomático, sendo, ao contrário, altamente emocional e explosivo.

Porém, Trump tem um freio, que é o establishment político, que não lhe permitiria entrar em uma guerra mundial. Portanto, podemos afirmar que provavelmente não haverá uma terceira guerra, devido às diversas organizações que têm como intuito promover a paz. ✦

Uma UTÓPICA REALIDADE cheia de falhas

Amanda Louro Sanchez

Utopia é uma realidade inalcançável. Será? É necessária sua existência ou podemos seguir esperançosos sem ter um cenário perfeito no qual acreditar?

É uma questão importante a ser discutida. Utopia tem por definição ser um lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Mas será que isso seria possível? É um conceito que acaba sendo necessário para continuarmos vivendo esperançosos, porém, é completamente inalcançável, pois, assim como é definido, é uma ideia de perfeição, algo que é diferente para cada um.

Imaginem que, por um instante, todas as nossas metas e ambições sumissem, o que seria do futuro? Como já disse Caetano Veloso: “vida sem utopia não acredito que exista”. Nós usamos esse recurso como motivação para continuar, tornar nossas vidas e o mundo melhores, nos nossos padrões. Os trabalhadores de qualquer área, por exemplo, trabalham por dinheiro, que há de proporcionar novas conquistas. Se o trabalho não valesse essa recompensa, seriam apenas hobbies, não teríamos um incentivo para continuar.

Assim como é crucial almejarmos futuros perfeitos, é impossível alcançá-los. Cada um de nós tem sua definição de perfeito, portanto, mesmo que para mim seja perfeito, não será para você. Não só analisando a diferença entre as opiniões dos sujeitos, mas em relação a você mesmo. Com o passar dos anos, todos nós evoluímos, mudamos, ou simplesmente deixamos de acreditar em certas coisas, e assim funcionam as metas também. A “pessoa perfeita” com quem sonhamos nos casar foi sempre a mesma? Nós não estamos mais procurando os mesmos valores.

Além de vivermos discordando e constantemente mudando, temos também a autocobrança. Não importa o quão maravilhosa a realidade esteja, estamos sempre querendo mais, pensando no futuro e esquecendo de aproveitar a perfeição do agora. Os padrões de beleza da sociedade, por exemplo, estão sempre mudando, e nós somos extremamente influenciados

por eles. Mesmo se tivéssemos todos a beleza de Gisele Bündchen, haveria algum aspecto falho; e se você mesmo não conseguisse achá-lo, alguém apontaria para você.

Essa incessante esperança de alcançar o ideal é algo que se instaurou desde o começo da nossa existência. Não importa quantos argumentos eu tiver para defender que a utopia é inalcançável, existem pessoas que discordam. Aristóteles passou a vida buscando dar sentido ao céu e criou teorias que explicavam os movimentos dos objetos celestiais que pareciam irrefutáveis, quando Galileu chegou e destruiu uma utopia de universo perfeito. Meus próprios tios têm esperança de alcançar o inalcançável e votar em um candidato a presidente que consiga acabar com a corrupção, por exemplo.

Não importa, porém, se é Aristóteles ou se são os meus tios; os defeitos aparecerão, eventualmente. Onde há sociedade, haverá corrupção, e onde existem esperanças, haverá a desilusão. Essa perfeição utópica instaurada em todos nós acaba sendo um incentivo, não uma meta. Será impossível alcançar tudo que almejamos e não termos decepções ao criarmos uma utopia.

Assim como a utopia de Thomas More era de um governo justo, que proporcionasse as melhores condições de vida a uma população feliz, e a de Karl Marx era de uma sociedade organizada de maneira que houvesse igualdade de classes e salários justos, a minha é de um lugar simples onde consigamos viver com pouco e amar muito. Podemos fantasiar sobre tudo, criar expectativas e sofrer desilusões. Mesmo que a princípio a utopia se trate de uma sociedade ideal, o conceito pode ser usado para diferentes ideias de perfeição.

Em conclusão, podemos afirmar que não existe a vida sem utopia, e apesar de sabermos que o nosso propósito não será alcançado como imaginamos, sempre há algum proveito que pode ser tirado dessa estradinha sem sentido nem fim que chamamos, carinhosamente, de vida. ✦